

# L/ATTITUDE

ESCOLAS PORTUGUESAS NO ESTRANGEIRO

**5** Dia  
Mundial da  
Língua  
Portuguesa  
de maio



**J**osé 100  
anos

SARAVACO

# Ficha Técnica

**Proprietário**  
Direção-Geral da Administração Escolar  
(DGAE)

**Diretora**  
Diretora-Geral da DGAE,  
Susana Castanheira Lopes

**Editora Executiva**  
Diretora de Serviços da DSEEPE,  
Paula Marinho Teixeira Alves

**Revisão de Conteúdos**  
Ana Margarida Madeira, António Gouveia  
Isabel Monteiro e Josete Perdigão (DGAE)

**Design Gráfico e Paginação**  
Mário Louro (DGAE)

**Execução Gráfica**  
CMVA Print, Produção Gráfica

**Colaboradores**  
Escolas Portuguesas no Estrangeiro (EPE)

**Periodicidade**  
Trimestral

**Sede de Redação**  
DGAE – Avenida 24 de julho, 142,  
1399-024 Lisboa

## AGRADECIMENTOS

A presente edição é dedicada à comemoração do Dia 5 de maio, Dia Mundial da Língua Portuguesa com o tema: José Saramago – 100 anos.

As Escolas Portuguesas no Estrangeiro dão corpo a esta revista com os seus contributos que permitem celebrar a globalidade e riqueza da língua e culturas portuguesas, através das palavras significativas e transformadoras que José Saramago permitiu a cada leitor torná-las muito suas, sempre suas. Por essa inestimável colaboração um vasto agradecimento.

Um agradecimento particular ao Comissário do Centenário de José Saramago, Professor Doutor Carlos Reis e um agradecimento muito especial ao Senhor Ministro da Educação João Costa, por ter acedido tão prontamente ao convite formulado para a redação do Editorial.

Isenta de Registo na E.R.C., ao abrigo do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de junho, artigo 12.º, n.º 1, alínea b).

## A Língua Portuguesa é nossa e do outro

Celebramos o Dia Mundial da Língua Portuguesa. Celebrar uma língua é um ato bonito, sobretudo quando se torna na festa da diversidade, do reconhecimento da história, do valor da palavra nas múltiplas representações artísticas.

Quando se fala da “riqueza” da língua, nem sempre se está a dizer a mesma coisa. Para uns, o valor está na preservação anacrónica de uma representação de algo que já não existe... A língua de Camões a que alguns se referem não é aquela que idealizam. Tinha vogais diferentes, semelhantes às do espanhol atual, estruturas que desapareceram há centenas de anos, uma prosódia mais próxima da que tem o português brasileiro contemporâneo. Para outros, aqueles em que me incluo, a riqueza está numa língua que é falada com diferentes sotaques, com diferentes estruturas, com palavras que resultam do contacto com línguas nativas de outros povos, com ritmos e sonoridades que resultam em diferentes músicas, métricas e poesias.

As línguas pluricêntricas são particularmente desafiantes no contexto educativo. Implicam que as diferenças entre variedades sejam conhecidas para que ninguém diga ao falante de português que fala mal apenas porque não fala o sotaque de quem o ouve. Implicam que a diversidade seja vista como um recurso educativo para a aprendizagem e não como um fator de segregação ou discriminação. Implicam que a forma como se ensina e se avalia sejam constantemente repensadas para que o clássico erro possa ser entendido como uma manifestação de uma expressão que ali não é dita como aqui.

Só assim a língua se fortalece, no encontro que acontece na sala de aula e no recreio da escola e, sobretudo, num trabalho que alia a consciência linguística de cada um à cidadania ativa que decorre do reconhecimento de que todos somos falantes plenos de uma língua que é muitas línguas.



Celebramos este dia enquanto comemoramos o centenário de José Saramago. Senhor da palavra, soube e sabe deslumbrar-nos e levar-nos a outras latitudes apenas pela articulação e manipulação dos recursos que a Língua Portuguesa põe ao nosso dispor. Ler Saramago é também ler o valor dos direitos que ninguém tem o direito de negar, alienar ou prejudicar.

Celebrar Saramago é levar cada aluno a descobrir o que pode a Língua Portuguesa (assim maiúscula!). Pode revelar novos mundos e novas línguas, mas sobretudo, perceber que só somos falantes porque há outros que falam e que nos enriquecem com as suas palavras. Ou, nas palavras do escritor: “O outro é uma complementaridade que nos torna a nós maiores, mais inteiros, mais autênticos. Essa é a minha própria vivência.”

Em cada uma das nossas escolas celebraremos Saramago e a Língua Portuguesa, sabendo que, na verdade, estamos a festejar este outro que nos faz humanos.

João Costa,  
Ministro da Educação

# Índice

## Editorial 03

João Costa  
Ministro da Educação

## Angola 07

Escola Portuguesa de Luanda-CELP	08
Colégio Português de Luanda	10
Colégio São Francisco de Assis	12
Escola Portuguesa do Lubango	14
Escola Camilo Castelo Branco	16
Escola Portuguesa de Lunda Sul	20
Colégio Pequenos Príncipes	21
Complexo Escolar Leme Educar	23
Colégio Educ'Art	27

## Cabo Verde 32

Escola Portuguesa de Cabo Verde-CELP	33
Escola Portuguesa do Mindelo	39

## Guiné-Bissau 44

Escola Portuguesa da Guiné-Bissau	45
-----------------------------------	----

## Macau 47

Escola Portuguesa de Macau	48
----------------------------	----

quantas queiram: bem sabemos  
ões são palavras, todas nascem  
nsa hipocrisia que aprendemos.

peçam Razões por que se entenda  
de maré que me enche o peito,  
tar mal no mundo e nesta lei:  
z a lei e o mundo não aceito.

peçam Razões, ou que as desculpe,  
modo de amar e destruir:  
o a noite e demais é que amanhece  
de primavera

mano es u  
Constanteme  
ucción, per  
én, y de m  
ela, siempre  
de destru  
vida es co  
iene mirar

Não me peçam Razões, que não as tenho,  
Ou darei quantas quiseram: bem sabemos  
Que Razões são palavras, todas nascem  
Da mansa hipocrisia que aprendemos.

Não me peçam Razões por que se entenda  
A força de maré que me enche o peito,  
Este estar mal no mundo e nesta lei:  
Não fiz a lei e o mundo não aceito.

Não me peçam Razões, ou que as desculpe,  
Dest modo de amar e destruir:  
Quando a noite e demais é que amanhece  
A cor de primavera que há-de vir.

"EL humano es un ser que  
está constantemente en  
construcción, pero  
también, y de manera  
paralela, siempre en un  
estado de destrucción."

"La vida es como los cuadros  
conviene mirarlos cuatro pasos atrás"

"A vida, esta vida que inapelavelmente, pétala a pétala  
vai desfolhando o tempo, parece, nestes meus dias,  
ter parado no bem-me-quer..."

Dulcineia

Quem tu es não importa, nem conheces  
O sonho em que nascou a tua face:  
Cristal vazio e nuado  
Do sangue de Quixote te alimentas,  
Da alma que nele morre e que recebes

"A vida, esta vida que inapelavelmente, pétala a pétala  
vai desfolhando o tempo, parece, nestes meus dias,  
ter parado no bem-me-quer..."

Dulcineia

Quem tu es não importa, nem conheces  
O sonho em que nascou a tua face:  
Cristal vazio e nuado  
Do sangue de Quixote te alimentas,  
Da alma que nele morre e que recebes  
A força de sués tudo

"Cuanto más te  
distraces más te  
parecerás a ti mismo"

"Cuantos ciegos serán peñeros  
para hacer una ceguera"

Química

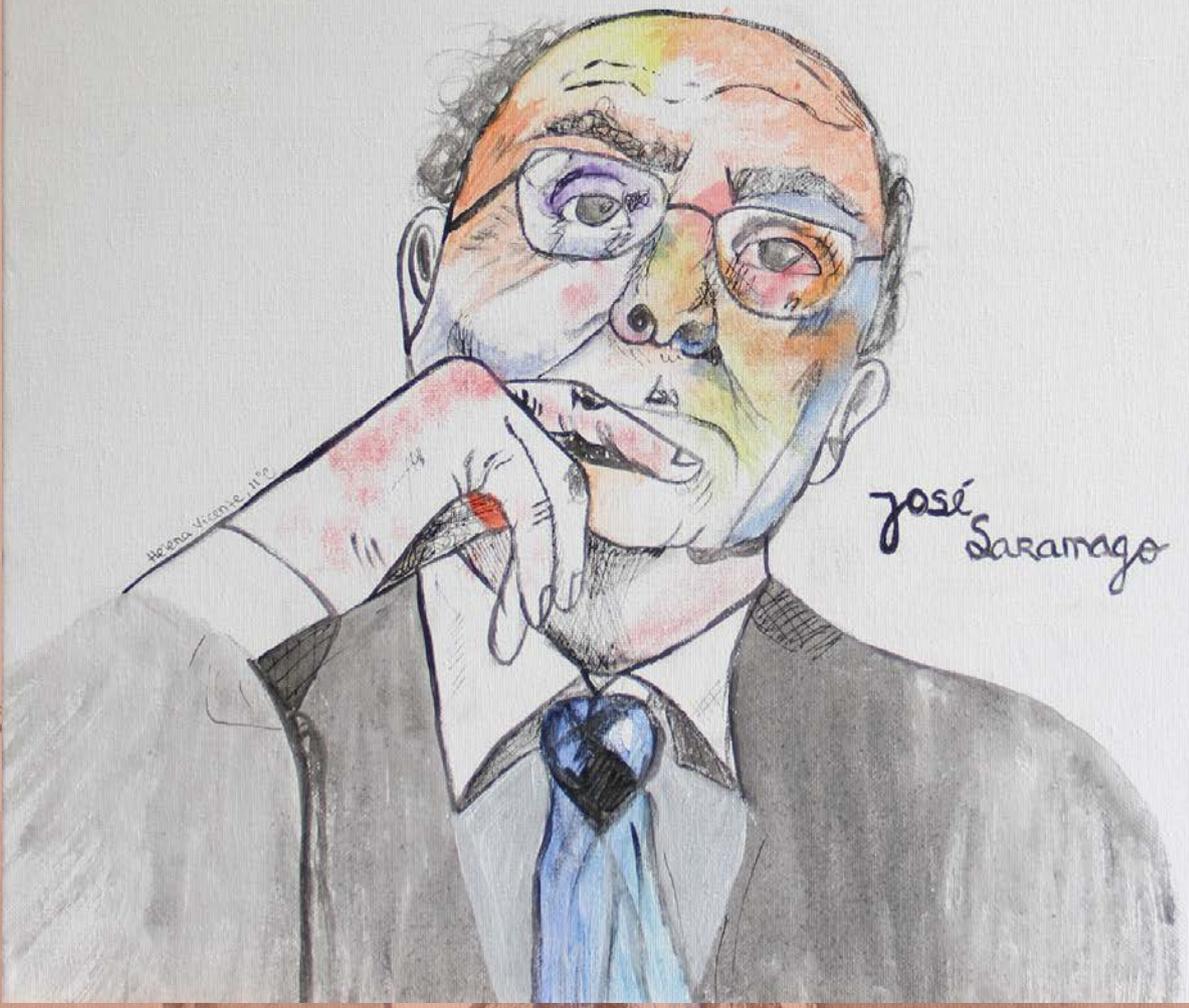
Sublimemos, amor. Assim os flocos  
No jardim não morrem se o  
No cristal da essência se def  
Passemos nós os povos, os  
Não caidamos instintos sem o  
Nem o secreto aroma que resca

Química

Sublimemos, amor. Assim os flocos  
No jardim não morrem se o  
No cristal da essência se def  
Passemos nós os povos, os  
Não caidamos instintos sem o  
Nem o secreto aroma que resca

Aprendi a não tentar convencer  
ninguém. D. trabalho de  
consentir e uma falta  
de respeito, é uma tentativa  
de colonização do outo

"El éxito a toda costa no  
hace peor que animales..."



Helena Vivente, Escola Portuguesa de Macau

ON VENCER  
de  
lta  
tentativa  
outo

amago

# Índice

## Moçambique 53

Escola Portuguesa de Moçambique-CELP	54
Escola Portuguesa da Beira	56
Escola Lusófona de Nampula	58

## São Tomé e Príncipe 60

Escola Portuguesa de S. Tomé e Príncipe-CELP	61
Escola Internacional de S. Tomé e Príncipe	66

## Timor-Leste 68

Escola Portuguesa de Timor-Leste-CELP	69
---------------------------------------	----

## Destques 73

<i>A Noite</i> ou a História como drama	74
Professor Doutor Carlos Reis	
Comissário do Centenário de José Saramago	

# Angola



Trabalho coletivo 9.º ano turma B, Escola Portuguesa de Macau

## “A maior flor do mundo” por uma criança

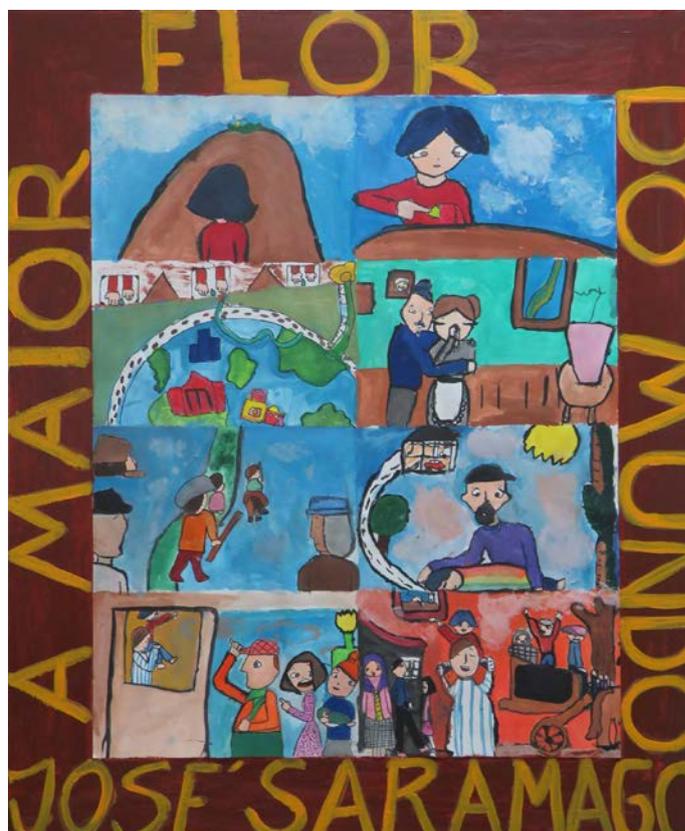
Escola Portuguesa de Luanda - CELP

“A maior flor do mundo”, um conto infantil, escrito por José Saramago. Um escritor português galardoado com o Nobel da Literatura, em 1998. Não esquecer o Prémio Camões, o mais importante prémio literário da língua portuguesa, foi ganho, em 1995.

José de Sousa Saramago é proveniente de uma família humilde de camponeses. Antes de se dedicar exclusivamente à literatura, trabalhou como serralheiro, mecânico, desenhista industrial e gerente de produção numa editora. Iniciou a sua atividade literária em 1947. Trabalhou também como crítico literário em revistas e no Diário de Lisboa. Em 1975, tornou-se diretor-adjunto do jornal Diário de Notícias.

“A maior flor do mundo” foi uma das muitas obras da sua autoria. Um conto infantil, escrito em novembro de 2001, publicado pela Editorial Caminho.

Há pontos de vista diferentes do meu, com toda a certeza, mas sabemos que na sua maioria, os contos infantis contêm uma mensagem educativa. Este não é diferente, por mais fácil ou difícil que seja para alguns perceber.



**O autor também destaca a relação “adulto e criança”, na qual a criança possui ensinamentos valiosos para aqueles que já esqueceram a real importância e valor das coisas “simples”.**

Nós temos sempre de saber ajudar quem precisa, como o menino da história. Seja homem ou mulher, animal ou planta, qualquer tipo de ser vivo merece a nossa atenção e respeito.

Esta história abrange conceitos importantes de humildade, esperança, perseverança e até esforço.

O autor também destaca a relação “adulto e criança”, na qual a criança possui ensinamentos valiosos para aqueles que já esqueceram a real importância e valor das coisas “simples”.

Apesar de se tratar de ficção, podemos facilmente aplicá-la ao nosso cotidiano, como na relação entre pessoas e sentimentos, na qual temos de desempenhar um papel que alimenta algo positivo e grandioso na sociedade.

Se repararmos, o menino não ajuda a necessitada planta à espera de algo em troca. Ao se deparar com um lugar vazio e triste, ele encontra uma flor praticamente morta, porém, aos seus olhos continua tão bela e viva como provavelmente foi um dia, mostrando que para uma criança a esperança nunca acaba e que com perseverança tudo é possível.

Depois de todo o esforço despendido, a criança é recompensada ao ver que a flor já se encontrava em um estado saudável, crescendo como nunca uma flor cresceu, antes de se tornar a maior flor do mundo. O que me leva a concluir que aquilo que alimentou a planta não foi somente a água transportada vezes sem conta pelo menino, mas sim a esperança que a criança depositou no salvamento da flor.

Luther Cardoso,  
aluno do 4.º ano turma H

Escola Portuguesa de Luanda-CELP.



Quadro “Saramago”, da autoria das alunas Alexandra Kiteculo, Beatriz Araújo e Lueji Ribas, do 4.º ano, turma H.

# José Saramago – um artista da língua portuguesa

Colégio Português de Luanda

A turma do 4.º ano, do Colégio Português de Luanda, no âmbito da área de Português, foi desafiada a interpretar uma das obras de José Saramago, “A maior flor do mundo”, implementada no Plano Nacional de Leitura.

Esta obra, publicada em 2001, narra uma “aventura de natureza ecológica” que, apesar do vocabulário, por vezes, pouco simples de Saramago, leva o leitor a viajar no seu imaginário através das imagens dos rios, da floresta, do campo e da montanha.

Segundo este premiado autor, nem todos têm o dom e a paciência de escrever lindas histórias para crianças. No entanto, dá liberdade a cada leitor para fazer as suas interpretações.

Resulta daí o encanto das suas obras, das suas histórias...

Para a descoberta e interpretação deste conto, desenvolveu-se uma sequência temática, iniciada com a leitura individual do texto, seguida da visualização de uma curta-metragem de animação, de Juan Pablo Etcheverry, com música de Emilio Aragón, e concluída com um jogo virtual, um jogo de concurso – “A Maior flor do mundo” – Hora da leitura. Após este momento didático, os alunos realizaram uma Ficha de Leitura sobre a obra. Num momento pós-literário, no âmbito das Expressões Artísticas, os alunos retrataram a sua interpretação da flor, com recurso a diversos materiais e dando asas à imaginação.



**Segundo este premiado autor, nem todos têm o dom e a paciência de escrever lindas histórias para crianças. No entanto, dá liberdade a cada leitor para fazer as suas interpretações.**

Este conto despertou, nos alunos, valores como a humildade e a bondade, que aparentemente foram esquecidos por muitos adultos! A turma chegou à conclusão de que a moral desta história se relaciona com a grandiosidade dos pequenos gestos, como foi o caso do menino que regou a flor com a sua bondade.

Por último, e recorrendo às palavras do autor, “E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos?”, os alunos questionaram, “Será que os adultos interpretariam da mesma forma que nós?”.

Partir para o desconhecido nem sempre é fácil...

Professora Ana Soares,  
1.º Ciclo



Atividades de expressões artística.



Alunos durante ficha de leitura.

# Saramago: a atualidade e polifonia da sua escrita

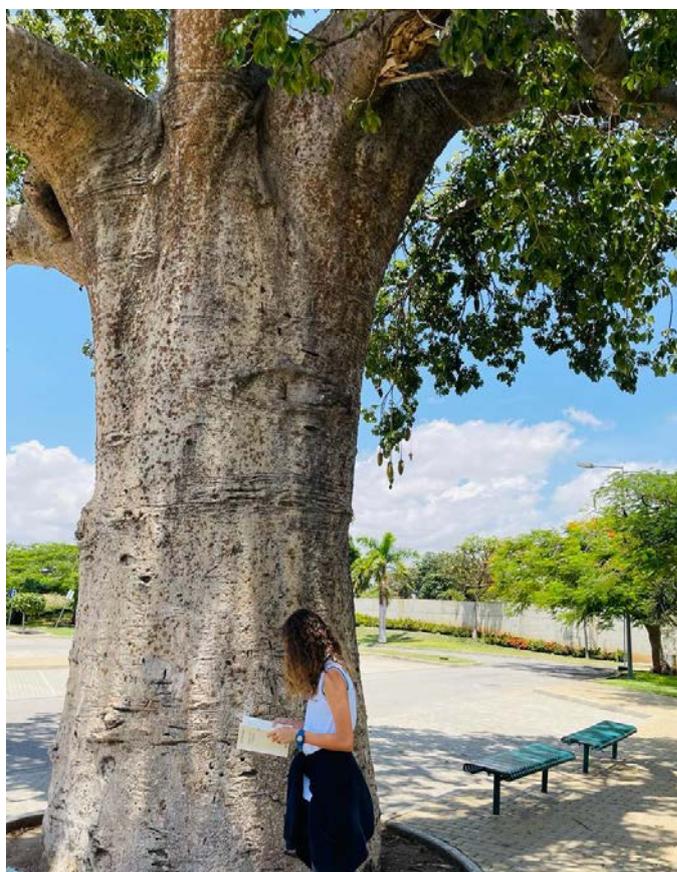
Colégio São Francisco de Assis

“Esta manhã, ao sair para a rua, achei que o mundo estava escuro.”

Esta primeira frase da crónica “Planeta dos horrores”, integrada no livro *Deste Mundo e do Outro*, de José Saramago, espelha, com certeza, a forma como nos sentimos nestas últimas semanas, perante a angustiante sucessão de imagens e de acontecimentos que, diariamente, nos são impostas pela comunicação social.

É neste contexto internacional inquietante, atípico e volátil, cuja real implicação na construção da identidade destas novas gerações ainda se desconhece, que se impõe a necessidade da escola promover a leitura da obra de José Saramago, cuja escrita, socialmente responsável e audaz, se mantém atual.

Recuperando as palavras de Saramago no discurso contra a Guerra do Iraque: “A terra pertence aos povos que a habitam [...] Sem paz, sem uma paz autêntica, justa e respeitosa, não haverá direitos humanos. E sem direitos humanos – todos eles, um por um – a democracia nunca será mais que um sarcasmo, uma





Jardim da Amizade.  
 "Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara.", livro  
 "Ensaio sobre a Cegueira".

**A terra pertence aos povos que a habitam [...]  
 Sem paz, sem uma paz autêntica, justa e respeitosa, não haverá direitos humanos.**

José Saramago: "um romance meu cresce como uma árvore".

ofensa à razão, uma despudorada mentira. Nós, que aqui estamos, somos uma parte da nova potência mundial. Assumimos as nossas responsabilidades. Vamos lutar com o cérebro e o coração, com a vontade e o sonho."

Outra das especificidades relevantes da sua escrita é a incorporação, nas suas obras, de referências a nomes da literatura, de citações de frases de outros autores e de referências intertextuais, que a enriquecem, criando um poderoso "discurso polifónico".

Assim, também, as crónicas de José Saramago, dos livros Deste Mundo e do Outro e A Bagagem do Viajante, textos escritos há 50 anos, retratam um pouco o que vivemos hoje.

Centrando-se em temáticas sociais, a sua obra reflete um discurso crítico e defensor do ser humano, que deve ser apresentado e explorado com os alunos, no sentido de os despertar para uma visão crítica, responsável e audaz do mundo, visando a construção de uma sociedade mais humana, justa e solidária.

Hoje, mais do que em qualquer momento da nossa contemporaneidade, impõe-se à escola divulgar e impulsionar, junto das suas comunidades, os valores que defende. "O mundo estava escuro", mas há sempre espaço para ser um sítio melhor. Esta mudança dependerá de cada um de nós.

Telma Ferreira, docente da disciplina de Português

## “As histórias para crianças devem ser escritas com palavras muito simples (...)”

Escola Portuguesa do Lubango

“Quem me dera saber escrever essas histórias(...)” \*

Em alusão à celebração do Centenário do nascimento de José Saramago, têm sido desenvolvidas na Escola Portuguesa do Lubango diversas atividades que visam aprofundar o conhecimento deste autor e da sua obra, nos diversos ciclos de ensino. Os alunos do quarto ano de escolaridade exploraram a obra “A maior flor do mundo” tendo efetuado descobertas várias, de caráter interdisciplinar, e reproduzindo, ainda, artisticamente a sua interpretação da obra.

Essas produções foram colocadas em exposição na Biblioteca Escolar para que a restante comunidade educativa pudesse apreciá-las.

Suscitou, aos alunos, grande admiração, constatar que Saramago se vai manifestando inseguro acerca da sua capacidade em escrever histórias para crianças, tendo os nossos alunos referido sentir a mesma preocupação, enquanto “pequenos” escritores.

Foi com entusiasmo que percorreram a escola, de sala em



Apresentação de trabalhos pelos alunos do 4.º ano.



\* Saramago, José (2002). "A maior flor do mundo". Lisboa: Editorial Caminho.

## Suscitou, aos alunos, grande admiração, constatar que Saramago se vai manifestando inseguro acerca da sua capacidade em escrever histórias para crianças(...)

sala, divulgando o legado deste autor (presente no nosso currículo e tão pouco associado a esta faixa etária) e tal foi a surpresa gerada quando desvendaram, perante os seus pares, a atribuição do Prémio Nobel da Literatura no ano de 1998, a José Saramago.

Este percurso potenciou nas restantes turmas um ímpeto em escrever histórias para crianças,

que, segundo os alunos do Primeiro Ciclo do Ensino Básico, não é assim tão difícil! Revelaram ainda vontade de "investigar" mais sobre os autores das obras do Plano Nacional de Leitura adotadas na nossa Escola.

Que comece a escrita! Que se iniciem as pesquisas!

A Secção Cultural do Conselho Pedagógico

Exposição na biblioteca escolar.



Exposição na biblioteca escolar.

# José Saramago – um artista da língua portuguesa “A maior flor do mundo” Uma abordagem diversificada

Escola Camilo Castelo Branco



## Nota Biográfica

<sup>1</sup> João Caetano nasceu em Moçambique, em 1962, é professor de Pintura da Escola Superior de Belas Artes do Porto.

<sup>2</sup> Prémio Nacional de Ilustração: é um prémio instituído pela Direção-Geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas destinado a reconhecer o trabalho de artistas portugueses ou residentes em Portugal no domínio da ilustração de livros para crianças e jovens.

<sup>3</sup> Juan Pablo Etcheverry (1975, Montevideu, Uruguai) é escritor, estudou na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Barcelona, em Espanha. “Juan Pablo Etcheverry at IFFR”, IFFR, acedido em 28 de fevereiro, 2019. <https://iffir.com/en/persons/juan-pablo-etcheverry>

<sup>4</sup> Os Prémios Goya (no original em espanhol Prémios Goya ou Prémios Anuales de la Academia) são outorgados anualmente pela Academia das Artes e Ciências Cinematográficas de Espanha, com a finalidade de condecorar os melhores profissionais em cada uma das diversas especialidades do setor.

Apesar de José Saramago ser um dos escritores portugueses mais estudados, não é no campo da literatura para a infância, infelizmente, que está o seu destaque. Por isso, foi escolhida a obra infantil “A maior flor do mundo” como objeto de análise, exploração e *outras coisas mais*, na nossa Escola, a Escola Camilo Castelo Branco. A valorização da coragem, da bondade e do altruísmo, apesar de serem transversais à literatura infantil, foi aqui levada em conta e trabalhada de forma única e original, tendo o seu foco numa criança em particular, o herói da história. O conto ainda inclui reflexões sobre a própria literatura infantil e a sua escrita, tal como acerca do universo adulto, permitindo várias leituras e interpretações. Este conto, devido a todas as suas características e versatilidades, é indicado para ser trabalhado no âmbito da Filosofia para Crianças, pois aborda temas e situações que são transversais aos valores morais que são alicerces na construção do ser humano e assim aconteceu por cá.

O livro “A maior flor do mundo” foi belissimamente escrito por José Saramago, tendo, até a atualidade, quatro edições diferentes em Portugal, tendo a primeira edição sido publicada em 2001. Esta edição traz um livro de capa dura, ilustrado por João Caetano<sup>1</sup>, que se aproxima do livro-álbum (álbum narrativo) por incluir um total de 32 páginas totalmente ilustradas. Ficou a cargo da editora Caminho, de Lisboa, e foi distinguido com o Prémio Nacional de Ilustração em 2001<sup>2</sup>.

A obra narra uma história especial: o menino herói deste livro sai de casa decidido a viver aventuras, afastando-se como nunca antes o fizera. Longe, ele descobre uma flor seca e a murchar, quase a morrer, e decide usar a sua própria força para salvar essa

flor. Não havendo água por perto e sem medo de tudo o que teria de passar e enfrentar, percorreu o que lhe pareceu ser o mundo todo para encontrar a tão precisa e desejada água. Enquanto isso, os pais procuram o menino e mobilizam todos nessa tarefa, sendo que, mais tarde, encontram-no a dormir serenamente por baixo da flor que salvara e que, agora, lhe dava sombra. Devido ao seu feito heróico, que era “muito maior do que o seu tamanho”, ele foi admirado por todos por ter feito algo tão especial. Esta obra conta com uma adaptação ao cinema de animação, com a produção de uma curta-metragem, em 2007, por Juan Pablo Etcheverry<sup>3</sup>, com um total de 10 minutos, que, no mesmo ano, foi nomeada para a melhor curta-metragem de animação dos Prémios Goya<sup>4</sup>.

A 16 de novembro de 1922 nascia José Saramago, descendente de uma família humilde e com poucas posses da aldeia de Azinhaga, perto da Golegã. A sua família trabalhou nos campos até 1924, ano em que o pai de Saramago decidiu rumar até à capital, levando consigo a sua família. Saramago adianta que “Embora as condições em que vivíamos tivessem melhorado um pouco com a mudança, nunca viríamos a conhecer o verdadeiro desafogo económico”. Até à sua maioridade, Saramago viria a passar temporadas com os seus avós maternos, convívio esse que acabou por influenciar a sua escrita, uma vez que o seu avô frequentemente lhe contava lendas e histórias de outros tempos. Contudo, apesar de todo o interesse que a vida de Saramago tem e possa ter para todos, principalmente para os leitores (e, por ligações afetuosas, todos os falantes da língua portuguesa), não é sobre ela que queremos focar a nossa participação.



Exposição na biblioteca escolar.

Por cá, quatro turmas dos quartos anos trabalharam a obra contemplada no Plano Nacional de Leitura. Foram feitas leituras individuais, leituras de pares, leituras de grupo e, até, leitura para outras turmas. Foram analisados todos os elementos paratextuais do livro e os seus significados. O texto foi interpretado, a história passou de “boca em boca”, logo, contou-se e recontou-se a aventura do “menino-herói” de diversas formas. Mergulhou-se na caracterização física e psicológica do menino e escalou-se a íngreme montanha dos valores, atitudes, princípios e ideais. Até que se interpretou e trabalhou-se a obra na vertente da Filosofia para Crianças, onde não só foram encontradas diversas respostas, como foram elaboradas dezenas

de perguntas chegando-se, assim, ao topo dos objetivos da Filosofia para Crianças, onde o pensar acerca do próprio pensamento é tido como o essencial.

Todos ficaram deliciados com a obra e com a sua qualidade, não só em termos literários, mas nas oportunidades diversas que ela oferece a quem quer com ela “brincar”. Portanto, a ECCB aconselha a que todos leiam a obra, que a devorem e que todos se possam lambuzar nela!

Ficam algumas imagens de alguns trabalhos finais.

Votos de boas leituras!

Professores do  
1.º CEB da ECCB

**Não havendo água por perto e sem medo de tudo o que teria de passar e enfrentar, percorreu o que lhe pareceu ser o mundo todo para encontrar a tão precisa e desejada água.**



Exposição na biblioteca escolar.

## Carta dos alunos a José Saramago

Queremos celebrar contigo, José Saramago, permite-nos tratar-te assim, pois, já tiveste a nossa idade, já tiveste os nossos sonhos e continuarás a tê-los através de nós... A tua humildade, a forma como vias o mundo, dá-nos uma liberdade respeitosa, de um tu cá, tu lá. Na nossa idade, dá-nos mais jeito assim.

A nossa professora, ao falar-nos de ti, mostrou-nos várias coisas sobre ti, mas uma em particular, deixou-nos, como diz o Bonga (decerto que o conheceste), com uma lágrima no olho.

“Carta para os meus avós”, a adaptação feita da tua carta à tua avó Josefa. O vídeo que vimos deixou-nos num mar de sentimentos, sentimos uma emoção forte, um nó na garganta ao ver, ao sentir o amor entre um neto e a sua avó.

Ter uma avó, um avô é a melhor coisa, é a felicidade! Ter uma avó é melhor que ter mil riquezas. Ter uma avó é ter um diamante que se vai lapidando de mansinho e com muita humildade, vai nos mostrando que “o mundo é tão bonito” e que temos tanto para fazer!

Sentimos felicidade, sentimos também tristeza!

Hoje, quase todos os nossos avós sabem ler. Mas tu, Saramago, tiveste uma avó que não sabia ler nem escrever, que teve uma vida com muitos altos e baixos. Mas como deve ter sido feliz! Feliz por te ter. Sentimos muita emoção, pois as tuas palavras fizeram-nos perceber que as nossas avozinhas, mesmo vivendo num mundo bonito (neste momento, menos do que no teu tempo), têm medo de morrer, pois não nos querem perder. E nós, nós temos tanto medo de as perder.

Os nossos corações ficaram quentinhos ao vermos o que por vezes não vemos ou não queremos ver.

As nossas avós sacrificam-se por nós. A luta constante para nos colocar comida na mesa, lavar as nossas roupas. Elas fazem tudo isso por nós, elas

só nos querem ajudar e tu sabes disso. Tu sabes que elas só nos querem dar amor.

Que orgulho que sentimos, da tua e das nossas avós! Que tanto passaram e passam e conseguiram vencer.

Que felicidade sentimos, com o jeitinho como falas da tua avó, com tanto carinho e respeito. As avós são muito importantes para nós, porque são elas quem cuidam de nós, com muito amor e carinho e não nos deixam nunca de barriga vazia. Dão-nos ajuda quando precisamos e nunca nos “deixam cair”.

Sabes, tirámos uma grande lição das tuas palavras: devemos aproveitar mais o tempo com os nossos avós, enquanto ainda estão connosco.

Alguns de nós já não têm avós e sentem-se tristes, pois deveriam ter tido mais tempo para os aproveitar. Foram os nossos melhores amigos!

Ah... “o mundo é tão bonito e eu tenho tanta pena de morrer” sentiam elas... e nós? Ah... “o mundo é tão bonito e eu tenho tando medo de te perder”, minha querida avó!

Carta dos alunos das turmas A e B do 6.º ano  
a José Saramago,  
sob orientação da Professora Ana Paula Santos

# Quantos são precisos para regar uma flor? Descobrir Saramago, o homem que não escrevia para crianças

Escola Portuguesa de Lunda Sul

Como descobrir Saramago? Na nossa escola foi assim...

As turmas do 4.º e 5.º ano a postos por visionar uma breve entrevista de Saramago por altura do lançamento da obra “A maior flor do mundo”. Então já foi possível associar as feições ao nome e, pelas suas palavras, saber que não acredita que haja literatura para crianças, há apenas criação literária que não se restringe a um público, mas pode ser apropriada para quem se deixe cativar.

Seguiu-se o vídeo de animação da obra e agora a voz do narrador já era conhecida, bem como o boneco que dele fizeram. A história é complexamente simples e o rapazinho despertou emoções e empatia.

As professoras de Português, Sandra e Flávia dinamizaram a atividade seguinte: colocou-se num chapéu “mágico” os nomes de todos os alunos presentes. Do chapéu saíram os quatro nomes dos que fariam o reconto.

Tantos foram os pormenores e entusiasmo, que ficou evidente que tinham sido espetadores atentos. Depois uma chuva de ideias sobre as emoções que sentiram deu as palavras para registar na flor da turma.

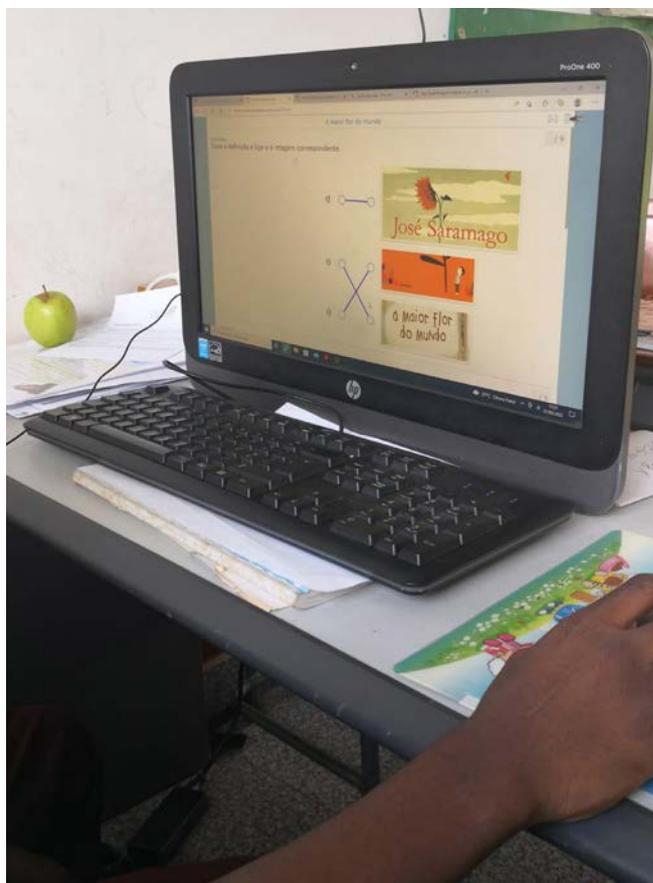
Então foi a vez do professor de Educação Visual e Tecnológica, dar flores para colorir, recortar e dobrar as pétalas. Poderiam essas flores tão fechadas desabrochar? - perguntou o professor Arsénio.

De seguida, saíram do auditório para o pátio exterior e experimentaram a dificuldade de transportar água nas suas mãos. Nos recipientes que receberam as dádivas líquidas, foram colocadas as flores de papel com as pétalas dobradas, mas por capilaridade iriam abrir-se para o sol.

Para o 5.º ano, aquele desabrochar foi para dar a missão como concluída; para os alunos do 4.º ano ainda restava uma atividade formativa multimédia, sobre o livro e o filme.

Concluiu-se assim a primeira visita ao universo de Saramago, o único prémio Nobel da nossa literatura.

Maria Duarte, Diretora  
e Sandra Vunge,  
Professora de Português



**A literatura infantil pode ser vista como uma porta de entrada para o universo maravilhoso da leitura.**



Leitura da obra "A Maior Flor do Mundo".

## “A Literatura de José Saramago nos olhos dos nossos pequenos príncipes”

Colégio Pequenos Príncipes

A literatura infantil, utilizada de modo adequado, é um instrumento de extrema importância na construção do conhecimento dos alunos, levando a que os mesmos despertem para o mundo da leitura não só como um ato de aprendizagem significativa, mas também como uma atividade prazerosa.

A literatura infantil pode ser vista como uma porta de entrada para o universo maravilhoso da leitura. Para entendermos bem a importância dessa literatura na formação dos nossos alunos, é fundamental olhar para a variedade de textos que a compõem, nomeadamente fábulas, contos de fadas, contos maravilhosos, mitos, lendas, adaptações de grandes clássicos da literatura mundial, trava-línguas, adivinhas,

além de textos autorais narrativos e poéticos.

Certos dos nossos objetivos e intencionalidades pedagógicas que contemplam a abordagem e exploração da vida e obra de vários escritores portugueses, destacamos o notável escritor José de Sousa Saramago. Como forma de homenagem, o Colégio Pequenos Príncipes desenvolveu um projeto em prol da obra "A Maior Flor do Mundo". Este projeto foi realizado em parceria com as valências de ensino de Educação Pré-escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Neste sentido, sentiu-se a necessidade pedagógica de adaptar o texto e as estratégias de implementação com o objetivo de criar uma leitura e interpretação



Construção do mural "A Maior Flor do Nosso Colégio" pelos alunos de Educação Pré-escolar e do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

significativa e ativa para cada faixa etária. Desta forma, fomentamos um melhor entendimento da mensagem por parte dos nossos alunos, bem como o estímulo, gosto e interesse pela leitura.

Iniciámos o nosso projeto com a realização de uma atividade de dramatização adaptada pelos alunos do 4.º ano e direcionada às turmas de pré-escolar.

Também foi realizada a leitura e interpretação da obra nas várias turmas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, recorrendo à exploração de ilustrações, vídeos, dramatização e leitura de textos.

Posteriormente, foram planificadas e realizadas atividades que contaram com pesquisas, representações gráficas, entre outros, fomentando a metodologia por aprendizagem ativa e de

projeto, recorrendo ao trabalho de grupo, ao uso da tecnologia e à interdisciplinaridade.

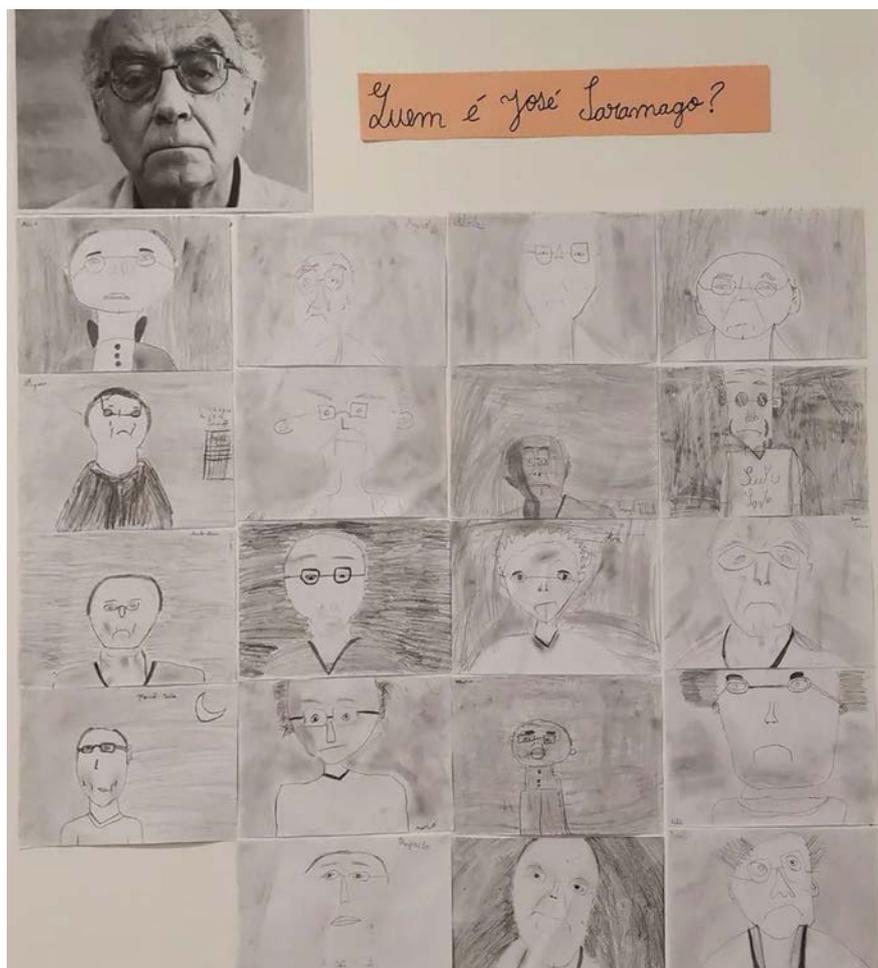
A atividade foi concluída com a união dos trabalhos das duas valências, construindo assim um mural de uma flor “A maior flor do nosso Colégio” onde englobamos as diferentes representações do rosto do autor elaboradas pelos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Esta obra permitiu despertar nos nossos alunos a riqueza da literatura e a experiência mágica que dela advém.

O nosso mais sincero agradecimento ao escritor José Saramago, por toda a riqueza literária presenteada.

Equipa Pedagógica  
Colégio Pequenos Príncipes

**A literatura infantil, utilizada de modo adequado, é um instrumento de extrema importância na construção do conhecimento dos alunos, levando a que os mesmos despertem para o mundo da leitura não só como um ato de aprendizagem significativa, mas também como uma atividade prazerosa.**



Ilustrações do rosto do autor José Saramago realizadas pelos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico através da utilização da técnica de desenho a carvão e esbate.

# José Saramago, um artista da língua portuguesa

Complexo Escolar Leme Educare

No seguimento da proposta de atividade *Descobrir José Saramago*, um escritor artista da língua portuguesa. Após alguma pesquisa optou-se por explorar um conto infantil “A Maior Flor do Mundo”, o autor diz-nos que “As histórias para crianças devem ser escritas com palavras muito simples... Quem me dera saber escrever essas histórias... Se eu tivesse aquelas qualidades, poderia contar, com pormenores, uma linda história que um dia inventei... seria a mais linda de todas as que se escreveram desde o tempo dos contos de fadas e princesas encantadas...” No final do seu conto ele ainda nos refere “Tenho muita pena de não saber escrever histórias para crianças. Mas ao menos ficaram sabendo como a história seria, e poderão contá-la doutra maneira, com palavras mais simples do que as minhas, e talvez mais tarde venham a saber escrever histórias para crianças... Quem sabe se um dia virei a ler outra vez esta história, escrita por ti que me lêes, mas muito mais bonita?...”

Mesmo com uma escrita muito particular e de difícil interpretação para os mais pequenos, na sala dos 5 anos, na sequência do tema que estava a ser desenvolvido, *As Profissões*, começaram por investigar a profissão de escritor que, como alguns referiram “precisa de muito tempo para escrever muitas palavras.” Através



da plataforma do Youtube ouviram e viram a história e resolveram aceitar a proposta do autor Saramago, recontar e reescrever da forma como a interpretaram. Por cá já escrevemos os nossos nomes e conhecemos algumas letras, então com ajuda dos adultos fizeram a cópia da escrita do reconto da história.

Nesta sala adoram desenhar e fizeram a ilustração da história de forma individual. Cada um desenhou, através da sua imaginação e criatividade, as personagens e momentos da história. Mais tarde cada um mostrou e partilhou a ideia do desenho realizado.

“E porque não fazermos um desenho em grupo? É uma boa ideia! E se utilizássemos vários materiais e materiais de desperdício?” (lápiz de carvão, lápis de cera, aparas dos lápis, papel crepe e restos de diversos materiais de expressão plástica). Foi aí que surgiu a ideia de cada

um desenhar em tela com lápis de carvão um pedaço do seu desenho. Depois de reunir todos os materiais que necessitávamos, colocámos as mãos à obra! Foi com muito entusiasmo que em conjunto fizemos a ilustração da história através das várias interpretações de cada criança e com diversos materiais.

Encontrámos também uma música que conta um pouco da história e logo a quisemos aprender, cantámos todos juntos o refrão e, em casa à nossa família, recontámos a história e cantamos a música.

Assim, reinterpretemos a história deste grande escritor, com a nossa visão simplista do mundo e da escrita.

Foi muito divertido e enriquecedor realizar este projeto em diversas atividades de momentos lúdicos de multidisciplinidade.

Carla Cruz e Vanessa Mestre

**Tenho muita pena de não saber escrever histórias para crianças. Mas ao menos ficaram sabendo como a história seria, e poderão contá-la doutra maneira, com palavras mais simples do que as minhas, e talvez mais tarde venham a saber escrever histórias para crianças... Quem sabe se um dia virei a ler outra vez esta história, escrita por ti que me lêes, mas muito mais bonita?...**



Projeto elaborado no Leme Infantil Talatona, desenvolvido com as crianças da sala dos 5 anos e apoio das educadoras e demais comunidade escolar (foto anterior).

## José Saramago, um artista da língua portuguesa

As obras literárias de José Saramago são realistas e direcionadas à sociedade, onde a crítica política e religiosa está presente. A crítica afiada e a descrição minuciosa estão entre as características da obra de Saramago, bem como a pontuação não convencional.

Por vezes, a interpretação da fala dos personagens é confundida com a própria reflexão.

Com a atribuição do Prémio Nobel viu a sua vida incrementada, tanto a nível social como político e ainda tem vindo a fomentar ações da dignificação dos seres humanos e do cumprimento da Declaração dos Direitos Humanos.

Com os alunos do 4.º ano de escolaridade foi trabalhada a obra “A maior flor do Mundo”, o próprio autor não se julgava capaz de escrever para crianças, mas se tivesse qualidades necessárias “seria a mais linda de todas as que se escreveram desde o tempo dos contos de fadas e princesas encantadas...”



A referência à aldeia enquanto espaço que contextualiza esta história requer algumas considerações. Tendo como provável leitor-modelo a criança citadina, a aldeia surge aqui carregada de um valor simbólico primordial. Contraposta à cidade, a aldeia é o espaço perdido do imaginário afetivo, o local das brincadeiras livres e despreocupadas, um espaço puro e original, ainda não contaminado. Ora, é partindo deste espaço que o herói menino viverá as suas aventuras.

Na turma foram elaboradas diversas atividades, quer de produção textual orientada pelo professor, vestindo assim cada aluno a pele do autor José Saramago, bem como

visionamento de um vídeo, curta-metragem sobre a obra, que serviu de mote a este desafio.

A atividade de escrita foi efetuada de forma interdisciplinar com a disciplina de TIC, usando assim a técnica e reforçando as competências digitais dos nossos alunos.

Por fim os alunos ficaram interessados na obra do autor e com alguma curiosidade na consulta e procura de outras obras do mesmo, apesar de constatarem a dificuldade quer na perceção, quer na produção textual do autor.

João Carlos Castro, docente da turma A do 4.º ano

**Com a atribuição do Prémio Nobel viu a sua vida incrementada, tanto a nível social como político e ainda tem vindo a fomentar ações da dignificação dos seres humanos e do cumprimento da Declaração dos Direitos Humanos.**



Projeto elaborado no Leme Infantil Talatona, desenvolvido com as crianças da sala dos 5 anos e apoio das educadoras e demais comunidade escolar.

## Literatura e Cidadania: O aventureiro que nos regou as emoções!

Colégio Educ' Arte

O Colégio Educ' Arte assinalou o início das comemorações do centenário do escritor português José Saramago, Nobel da Literatura, este mês, a partir da leitura da sua obra "A maior flor do mundo".

A turma do 4.º ano promoveu uma sessão de leitura à turma do 3.º ano, ambas partilham a mesma sala. Este conto infantil fala-nos de "(...) um senhor que não sabia contar histórias para crianças porque as palavras dele eram muito difíceis e, um dia, resolveu tentar... e a história era assim: era uma vez um menino que vivia com os pais. Saiu da vila e foi passear pelos rios... até que chegou perto de Marte. Aí, encontrou uma flor murcha. Ele queria ajudá-la! Foi viajar muitas vezes à Lua e por vários sítios para ir buscar água.

Só que, só trouxe três pinguinhas. Aí, como estava tão cansado, deitou-se. A flor deixou cair uma pétala. Essa pétala era com as cores do arco-íris. Os aldeões, os pais, os tios procuraram o menino por todo o lado. Os pais já estavam a fazer um drama lá em casa! Encontraram



Cartaz "A Maior Flor da Educ'Arte" que ficou exposto no Colégio.



▲  
Banda desenhada - A. Alves (8 anos)  
e J. Santos (9 anos), 3.º e 4.º anos.

*o menino ali, ao lado de uma flor... muito grande. Deitado. Levaram-no para casa e chamaram-no um herói. E o menino disse que tinha ido ajudar uma coisa maior do que o seu tamanho. E todos ficaram espantados.” (I. Navarro, 4.º ano).*

A escola é um espaço que tem o poder de potencializar ambientes que desenvolvam o sentimento de empoderamento e de resiliência para as crianças – futura geração. Nós, docentes, possuímos o papel de potencializar “interações significativas que podem contribuir para os processos de resiliência diante de adversidades no/do ambiente escolar”, podendo atuar como agente de proteção e motivação (Yunes et al., 2015, p. 159).

Através desta obra, o termo “(auto) confiança” – esse sentimento que precisamos de regar todos os dias, crianças e adultos – foi objeto de diálogo. A personagem

principal desta história superou a linha que era considerada pelos aldeões “o limite das suas terras”. Ser resiliente e acreditar no valor que cada um de nós tem é um processo constante que procuramos ao longo da vida. São tantas as vezes que ouvimos dizer “não sou capaz”, “não consigo”. Será que antes de manifestarmos um dessas expressões, tentámos executar a tarefa/desafio/atividade?

“Se os indivíduos não acreditam que podem agir para ir ao encontro de aspirações e desejos pessoais, não fazem nada para alterar o rumo dos acontecimentos” (Bandura, 1986, 2002 citado em Patrício, 2012). A crença nas nossas capacidades pessoais para realizar atividades e tarefas de modo a conseguir concretizar objetivos e alcançar determinados resultados é um processo integrante no nosso desenvolvimento pessoal.

Não ter medo de falhar é um dos passos a dar para ultrapassar as (possíveis) barreiras.

Para além disso, na sala de aula do 3.º e 4.º anos, refletiu-se acerca da atitude do menino, que encontrou uma flor murcha e decidiu “atravessar o mundo todo” em busca de água. Esse seu gesto fez renascer aquela flor. Fazendo o paralelismo com o nosso quotidiano, as turmas chegaram à conclusão de que diariamente surgem momentos onde temos a oportunidade de escolher fazer

“simples gestos” que poderão ser muito para quem nos rodeia ou, então, podemos simplesmente ignorá-los. Olhar para a primeira opção poderá suscitar sentimentos como felicidade, orgulho e solidariedade. E que boa é essa sensação!

Após o diálogo em grande grupo, cada um ilustrou a história numa pétala. Em seguida, juntámos todas as pétalas e construímos um cartaz com “A Maior Flor da Educ’Arte” que ficou exposto no Colégio.

No início da obra, José Saramago relata a dificuldade que tem em escrever um livro infantil, porque gostaria de escrever a melhor história do mundo e isso é quase impossível. E no final, faz um convite ao leitor: “Quem sabe se um dia virei a ler outra vez esta história, escrita por ti que me lêes, mas muito mais bonita?...”. As turmas do 3.º e 4.º anos responderam ao desafio e surgiram histórias narrativas e em banda desenhada.



Banda desenhada - A. Soma (9 anos) e L. Lopes (10 anos), 4.º ano.



Banda desenhada - C. Quinaz (9 anos) e R. Malafaia (8 anos), 3.º e 4.º anos.



**A escola é um espaço que tem o poder de potencializar ambientes que desenvolvam o sentimento de empoderamento e de resiliência para as crianças – futura geração.**



Banda desenhada - A. Paulino (9 anos) e L. Correia (9 anos), 3.º ano.



Banda desenhada - V. Alves (9 anos) e K. Ribeiro (9 anos), 3.º ano.

## ***A maior flor do mundo contada pelo ouriço-cacheiro***

Eu estava na floresta a descansar e, quando acordei, fui até uma vila. Encontrei um menino que estava a aventurar-se por fora da vila, então, segui-o. Quando reparei, já estávamos fora dos limites da vila e tinha encontrado uma flor murcha. Ele queria ajudá-la. Mas, estava cansado demais. O rio estava a dez quilómetros de distância e disse:

- Será que eu vou ajudar a flor?

Então eu gritei:

- Siiiiiiim!

Mas ele adormeceu.

Quando acordou, correu, correu e correu até encontrar um poço e um balde de água e, foi, foi e foi até chegar à flor. Regou a flor e ela começou a reflorescer.

Entretanto, lá na vila, os pais do menino estavam à procura dele. Choravam muito. Finalmente, quando viram o menino, ficaram felizes. Desde aquele dia que o menino foi nomeado como “o aventureiro”. E eu, pela floresta continuei, mas, muito contente por ter tido a oportunidade de ver o renascer daquela flor.

E. Bumba (8 anos) e D. Mendes (9 anos),  
3.º e 4.º anos.

## ***O gafanhoto e a flor***

Era uma vez um gafanhoto que vivia num jardim de uma casa. Nessa casa vivia um menino chamado António e a sua mãe.

Um dia, estava o gafanhoto a passear quando viu uma flor murcha. O António já sabia que tinha lá uma flor, mas nunca quis tratar dela. O gafanhoto, tão esperto que era, deixou passar uns dias a ver se o rapaz vinha tratar dela.

Numa madrugada, houve um estrondo na aldeia dos gafanhotos. Era o menino a andar. Como o gafanhoto era corajoso foi atrás dele, mas o menino atropelou-o.

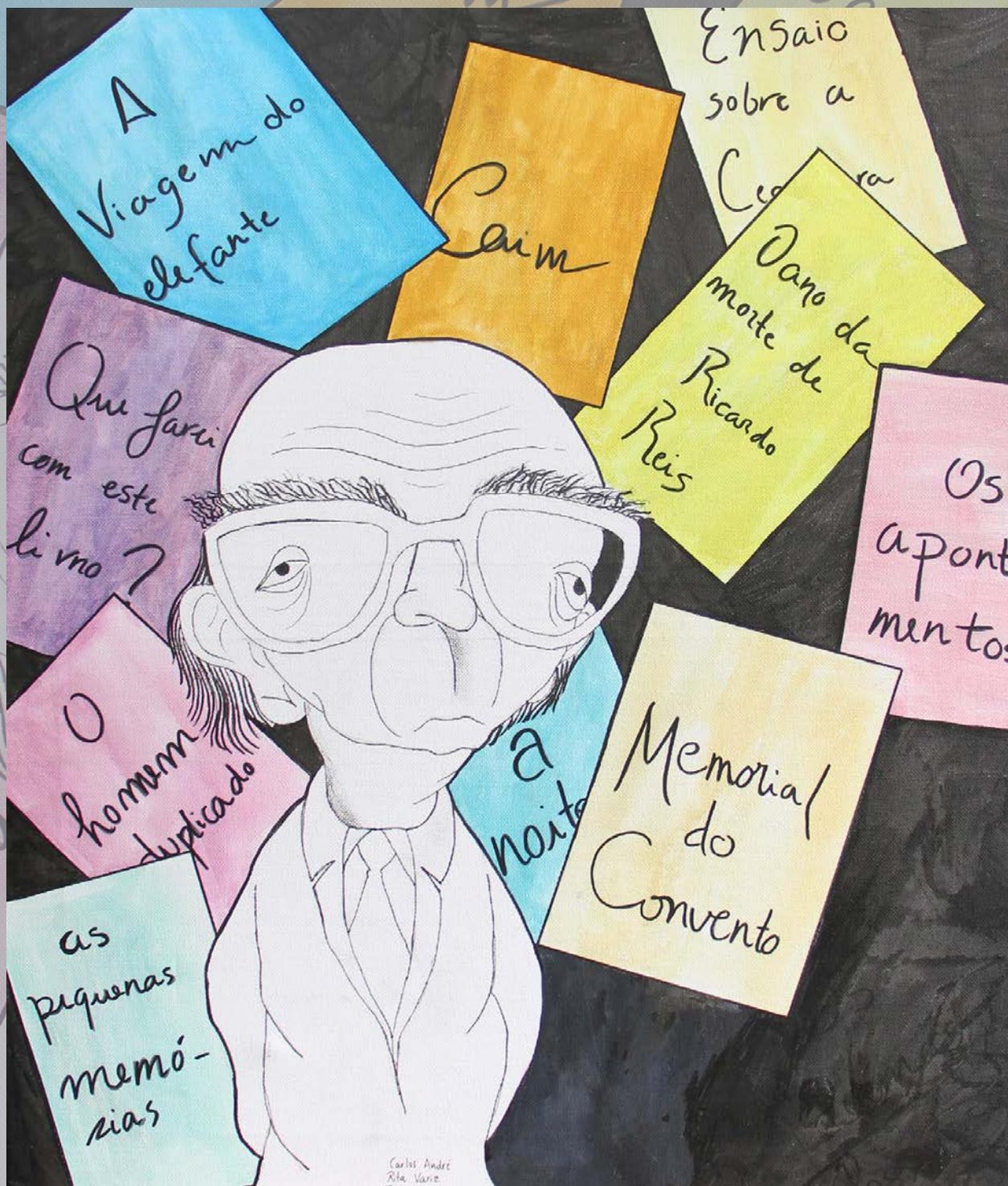
A partir desse dia, o nosso amigo gafanhoto pensou que ele era mau. A flor ia ficando cada vez mais murcha e, foi, então, que ele teve uma ideia! Juntaram-se todos, prenderam as pernas uns aos outros e, também à flor, claro, bateram as asas e tentaram levantar a flor, mas não deu resultado. Coitado do gafanhoto! Porém, ele não desistiu. Passou a noite toda a ir buscar água. Quando acabou de ir buscar água descansou ao lado da flor, e, durante a noite caiu uma pétala da flor, que o aqueceu.

De manhã, o menino foi ver a flor e estava lá o gafanhoto. Levou-o para dentro de casa e, quando o gafanhoto acordou ficou assustado. Ele pensava que o menino ia fazer-lhe mal. Mas não fez. Ficaram amigos.

E a moral da história é que não devemos julgar as pessoas ou objetos pelo seu tamanho.

I. Navarro (9 anos), 4.º ano.

# Cabo Verde



# Cartas para “Avós Josefás” de Cabo Verde

Escola Portuguesa de Cabo Verde - CELP

No âmbito das comemorações do centenário do nascimento de José Saramago, este autor foi apresentado aos alunos de turmas do 9º ano da Escola Portuguesa de Cabo Verde, através da leitura da sua crónica “Carta para Josefa, minha avó”, publicada no jornal A Capital, em 14 de março de 1968.

Ainda que nenhuma das heroínas dos seus romances seja cabo-verdiana, a mulher de Cabo Verde tem em si a força que Saramago reconheceu, numa entrevista de 1989, quando afirmou: “A força está nas mulheres... Claramente nas mulheres” (in Ler 6, 1989: 19).

Se a isto juntarmos outra afirmação de Saramago a propósito do povo cabo-verdiano – “Cabo Verde fabrica o seu próprio chão, inventa a sua própria água, repete dia a dia a criação do mundo.” (In Caboverdiando, JL Lisboa, 1998: 28, 29) – temos o quadro perfeito para definir a mulher cabo-verdiana.

De acordo com dados estatísticos que remontam a 2017, cerca de um terço dos agregados familiares cabo-verdianos é monoparental, tendo, na esmagadora maioria, liderança feminina, frequentemente por causas ligadas a fatores como a pobreza, a emigração, a violência baseada no género e descrédito numa relação conjugal.

Assim, numa época em os jovens parecem distantes dos idosos, com inspiração na “Carta para Josefa, minha avó”, propôs-se aos alunos que também eles escrevessem uma carta às suas avós, mostrando o que conhecem delas e da vida que elas tiveram. Os textos que se seguem, da autoria dos alunos, bem como as pinturas de figuras femininas cabo-verdianas, da autoria de pintores cabo-verdianos, constituem retratos de mulheres que, pela sua força, pela sua resiliência e pelo seu percurso de vida, bem poderiam ter dado corpo a uma das heroínas dos romances de Saramago.



Luísa Gonçalves,  
Professora de Português

## **Carta para Maria, minha avó**

Para uma pessoa com 89 anos, ainda tens uma alma jovem! Lembro-me de histórias que me contaste sobre o teu tempo, como, por exemplo, de como viajaste num bote de madeira de S. Nicolau para a Cidade da Praia, à procura de uma vida melhor. Mas tu nem te perguntaste se era possível e seguro, sempre acreditaste que Deus tinha mais para dar do que o Diabo para tirar. Hoje em dia, ao ouvir-te contar essa história da qual és personagem principal, fico a questionar-me como foi possível atravessares o mar que banha as nossas ilhas num bote, com 7 crianças, algum dinheiro e muita fé?!

Lembro-me dos anos em que foste minha professora e explicadora. Mesmo já velha, lembravas-te de tudo: das raízes, dos predicados, do sistema digestivo!... Apesar das dificuldades, conseguiste tornar-te professora e foste uma das melhores professoras da cidade da Praia nos anos 70.

Hoje, em vez de viajares, como outros, de férias para outros países, preferes estar sentada à janela, a observar e a admirar aquilo que a tua Achada de S. António se transformou. Para ti, as coisas mais importantes de sempre são a família e a fé!

Pergunto-me como uma pessoa pode ser tão simples, calma e cheia de fé no mundo de hoje... Acho que és das poucas pessoas que conseguem ser assim. Não te interessa se saiu um novo modelo de telemóvel, interessa-te mais se o cuscuz que tinhas no lume já cozeu e está saboroso. Da tua vida podia fazer-se um livro, depois de tantos "mas" e pontos de interrogação, que foste substituindo por muitos "e" e pontos de exclamação, ultrapassando obstáculos e valorizando cada momento que a vida te oferece.

Teu neto, Fernando Almeida

## **Carta para a Manuela, minha avó**

Tens 66 anos. Nascestes em Assomada, onde fizeste o ensino primário. Desde os 13 anos, só passavas em casa as férias do Natal, da Páscoa e as férias grandes, por teres feito o secundário na Praia, pois não havia liceu em Santa Catarina. O mesmo aconteceu com os teus quatro irmãos. Como eras muito mais nova do que os outros, quando foste estudar na Praia, todos os irmãos tinham partido de Cabo Verde. Sem telefone, escrevias uma carta à tua mãe quase todos os dias, que ias entregar ao motorista do autocarro que, diariamente, ao fim da tarde, transportava pessoas para a tua vila.

Contaste-me um dia que a tua infância não foi feliz. Perdeste o teu pai quando tinhas 2 anos e viveste com a tua mãe, a quem chamavas Mãe-Coragem, pessoa que cuidou bem da família, muito respeitada na vila e a quem as pessoas recorriam em situação de conflito. Em tua casa viviam mais quatro irmãos e um primo.

Na tua adolescência, não tiveste a tranquilidade tão característica dessa idade, pois, a certa altura, os quatro irmãos partiram para a Guiné-Conacri, onde participaram na luta pela independência de Cabo Verde. Foi nessa época que, pela primeira vez, viste a tua mãe chorar de saudades e tristeza, com receio de perder os filhos. A tristeza e o sobressalto tomaram conta de ti e da tua mãe.

Ao contrário de ti, fiz o ensino primário em escolas onde os professores não podiam bater nas crianças e em que usámos livros e material escolar mais bonitos. Para fazer o ensino liceal não tive que viver em casa alheia e tenho acesso à internet para fazer trabalhos e pesquisas, situação que nunca viveste então. Enquanto a tua educação foi rigorosa e sem gestos de carinho, tu deste-me carinho, repreendeste-me com respeito, ensinaste-me muita coisa e estiveste sempre por perto nas situações em que fui vítima de injustiças e bullying.

Contigo comecei a ouvir o noticiário e aprendi que, na vida, devemos cultivar bons pensamentos, a verdade, a simplicidade, a honestidade, o respeito pelas pessoas e a ajuda ao próximo.

Teu neto, Tomás Fernandes

## Carta para Maria, minha avó

Não nos vemos há muito e sinto saudades do cheiro do teu bolo de laranja com cobertura de chocolate, 70% cacau. Sinto saudades das histórias que costumavas contar-me para adormecer, do carinho que me davas e, não te vou mentir, também sinto falta do dinheiro que me oferecias em todos os natais e aniversários.

Eu queria muito que tu tivesses tido uma vida tão fácil e divertida como a minha, em vez de saber o quão complicado foi a tua vinda de São Vicente para estudares na Praia, porque era onde havia o único liceu disponível.

Apesar de tudo isso, sei que a tua vida foi cheia de mimos como a minha. Obviamente não me estou a referir à ausência paternal que tiveste e que tanto te incomodava. O teu pai que trabalhava sempre, a toda a hora, tal como o meu. Às vezes, imagino as tuas brincadeiras na tal praça municipal de São Vicente, da qual sempre falas. Também eu brinquei na rua, em São Vicente, quando estive em casa da tua irmã, minha tia Rosa. Ela contou-me que tu adoravas cantar, especialmente nos corais da igreja.

Embora com algumas semelhanças, sinto que tivemos infâncias muito diferentes.

Tua neta, Camila Lopes

## Carta para Júlia, minha avó

Tens memórias escassas da tua vida escolar, se é que se pode dizer que a tiveste. Falaste-me de como a vida era lenta no teu tempo e de como as pessoas não tinham tanta pressa.

Viveste responsabilidades de adultos durante toda a tua vida, mas estás sempre sorridente. Cuidaste dos teus filhos, dos filhos dos teus filhos e de filhos que nem eram teus. Fizeste do teu lar um espaço que estará sempre em nossa memória e talvez nunca vá encontrar alguém que faça um cuscuz como o teu. Então, o que sou eu diante de ti, avó?

Tu, filha que te tornaste tão madura porque a vida assim te exigiu. Tu, mãe que jamais deixaste faltar comida aos teus filhos, apesar dos altos e baixos que sofreste. Tu, avó que proporcionaste aos teus netos tudo aquilo que nunca tiveste.

Quem sou eu comparada a ti?

Nem lembras sequer de um professor da tua escola e precisas de ajuda até para fazer uma simples chamada no telemóvel. Não sais de casa e tens dificuldades para escrever uma frase simples. Não gostas de ler (talvez porque o fazes com dificuldade) e só vês televisão na hora da telenovela.

Talvez por tudo isso e por muito mais, dizes-me tu que eu devo aproveitar a infância, porque tu, avó, não a conheceste.

Tua neta, Raíssa Pereira



## **Carta para Ana, minha avó**

Dizes-me, com lágrimas nos olhos, o quanto eras deslumbrante no teu tempo, mas que de nada serviu.

Tiveste de trabalhar tão cedo para sustentar-te, porque a tua mãe nem sempre conseguia arcar com todas as dívidas. Não quiseste casar-te, pois achavas que nenhum homem era digno de ti e, agora, a solidão habita em ti, as mãos tremedizas por passar sóis e luas a costurar tecidos que nem para ti eram, a visão gasta que não te permite ver o quão linda ainda és. Mal consegues aguentar-te em pé, só te sustém a teimosia que prevalece em ti (e que eu herdei), os luzidios fios de cabelo fino e grisalho revelam que estás velha! E sinto-me mal por teres envelhecido sem teres as mesmas oportunidades que eu tenho.

Eras tão linda que tinhas vários pretendentes atrás de ti, mas nunca quiseste nenhum. Não conseguiste terminar a escola, pois preferiste cuidar da tua mãe tão doente, trabalhaste tanto por tão pouco e agora não tens nada e sentas-te sozinha, a pensar como tudo poderia ter sido tão diferente.

Tua neta, Adriana Vasconcelos

## **Carta para Bila, minha avó**

Tens 83 anos. És velha, queixosa e gostas de receber mimo.

Sabes ler porque foste a escola até ao 4.º ano, que era o máximo de escolaridade daquele tempo. Começaste a trabalhar cedo e não foi um trabalho fácil: eras vendedora no mercado, depois começaste a fazer pão e a vendê-lo na zona.

Onze vezes engravidaste e deste à luz 6 mulheres e 5 homens. Agora, com a idade avançada, vês televisão e ficas a perceber tudo errado sobre a novela ou jornal. Gostas de saber o que se passa na rua e de reclamar. Já fizeste de tudo que tinhas para fazer na vida, já criaste os filhos e também ajudaste na educação dos netos. Por que é que não aceitas agora a idade avançada que já tens e teimas em continuar a trabalhar?

Teu neto, Fábio Mendes

**Viveste responsabilidades de adultos durante toda a tua vida, mas estás sempre sorridente. Cuidaste dos teus filhos, dos filhos dos teus filhos e de filhos que nem eram teus. Fizeste do teu lar um espaço que estará sempre em nossa memória e talvez nunca vá encontrar alguém que faça um cuscuz como o teu. Então, o que sou eu diante de ti, avó?**

## Carta para Eugénia, minha avó

Querida avó Djena, Djaise, Djinhina e os tantos outros apelidos carinhosos que recebeste ao longo da tua vida, pediram-me que te escrevesse uma carta, e não sei por onde começar.

Ao contrário de Saramago que sabia a idade da sua avó, eu nunca tive a certeza da tua idade. Dizes que a idade é algo superficial, a que muitos se apegam para definir uns e outros, e que tu vais muito para além da tua idade. Quando tinha cinco anos, ias fazer sessenta e três, aos sete, afinal tinhas sessenta, fiz dez, e tinhas sessenta e seis, há dias perguntei-te quantos anos tinhas, e brincaste, “Tenho trinta e poucos, filhota!”.

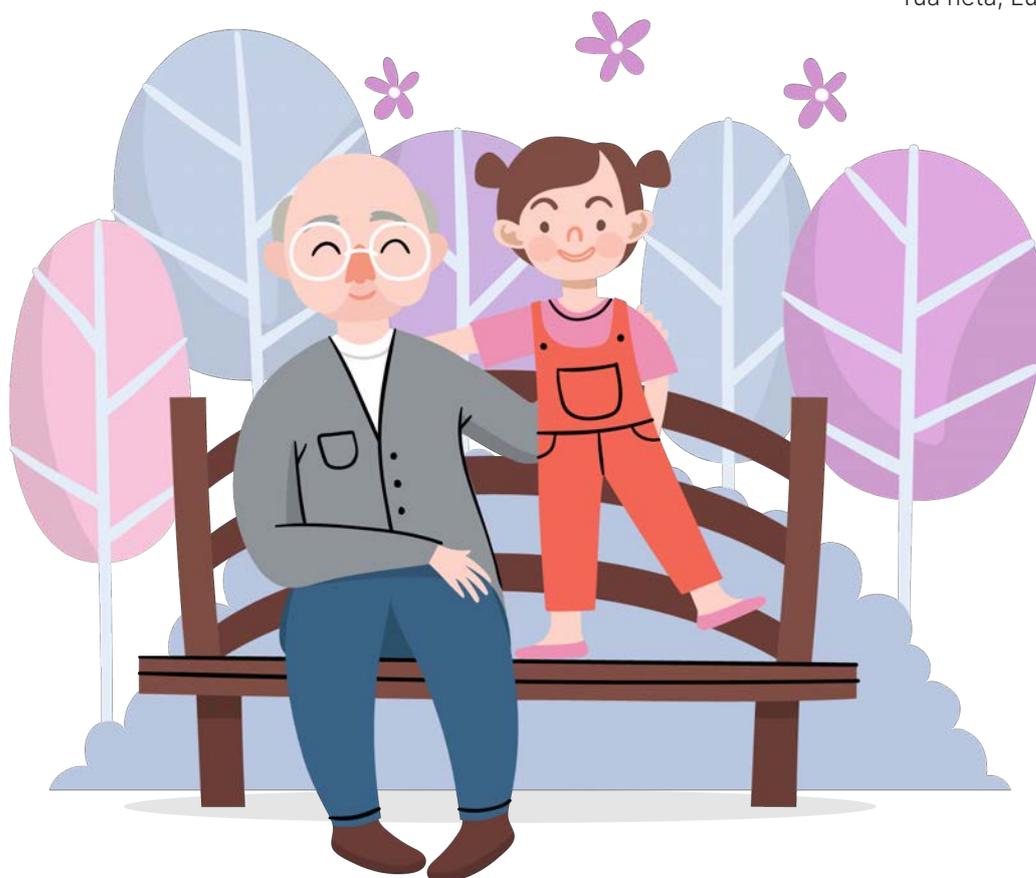
Brincas muito, sempre foste muito animada. Sempre tive a impressão de que as pessoas já com uma certa idade tornam-se um bocado mórbidas e perdem todo o seu vigor. Mas tu sempre te mantiveste tão jovem de espírito e creio que os teus “apaixonadinhos” espalhados assim um pouco por toda a parte concordariam comigo, que os anos mal passaram por ti.

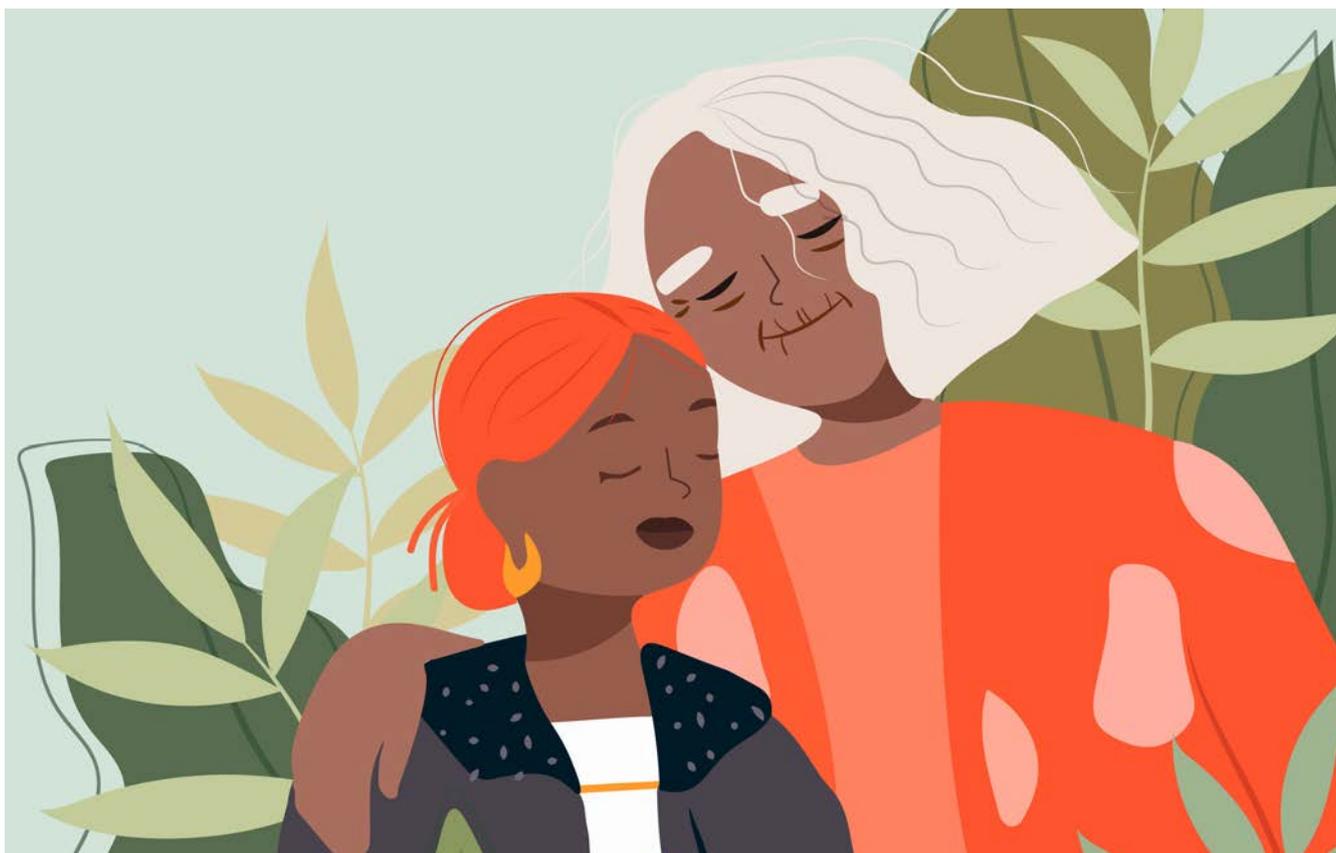
Ainda tens os cabelos fortes, negros e lisos. Ainda gostas de arranjar-te, passas horas em frente ao espelho, vestes-te e vestes-te outra vez porque a blusa que escolheste não salientava suficientemente a tua sombra de olhos.

És tão bela, avó. Porém, isso não é sequer o que me fascina mais sobre ti. Poderia mencionar muito, falar sobre como és forte, astuta, sempre tens algo a dizer. Poderia falar sobre como és inteligente, cheia de opiniões e sempre me ensinaste muito, desde a divisão silábica e a contar até cem, até à clandestinidade do PAIGC e à troika. Também poderia falar sobre como sabes ouvir-me como mais ninguém, sobre como me entendes e sempre estiveste por perto. Fosse para sarar os arranhões no meu joelho, para cuidar de mim quando tinha febre, para consolar-me quando me quebraram o coração, fosse para falar de tudo e de nada, sempre estiveste cá.

O mundo é tão bonito contigo ao meu lado e tenho tanta pena que algum dia te vás.

Tua neta, Luna Mascarenhas





### ***Carta para Antónia, minha avó***

Lembro-me das histórias que costumavas contar-me da tua infância. De como tu e os teus sete irmãos costumavam brigar pelo último cuscuz, enquanto eu e as minhas irmãs brigamos pelo comando da TV.

Estás cansada. Criaste 3 filhos sozinha nos EUA, a trabalhar em mil e uma fábricas por mil e uma horas, tudo por eles.

Divirto-me sempre que contas as tuas histórias - de pessoas snobs às que têm porcos como animais de estimação (ainda não acredito que um veio contigo no avião); das vezes que acabaste com comentários alheios e racistas, de como fazias amizade com as pessoas mais difíceis, dos casamentos, das corridas de cavalo, do padjigal da tua casa no Fogo. Adoro o facto de podermos conversar sobre tudo. De como ou odiamos ou adoramos alguma coisa – sei que passámos quase duas horas a falar de como desgostamos do filme Charlie and The Chocolate Factory: a mim porque me dá medo; a ti, pois lembra-te dos teus tempos como funcionária de uma Fábrica de Chocolate.

Estás mais velha agora, os olhos lentamente a perder o brilho que tinham. Mas ainda ris das minhas piadas sem graça, ainda fazes o melhor arroz do mundo, ainda tens os comentários perspicazes a fazer sobre a vizinha do lado, ainda me guardas chocolates... Então por que me sinto triste quando te vejo com as mãos na cintura, com um olhar distante, como se te estivesse a perder aos poucos mesmo estando ao teu lado? É da idade – disse a minha mãe. Entendo, mas não consigo aceitar. A velhice é triste, dizem. Têm razão.

O que me conforma é que vou sempre ter esta memória tua. Talvez os meus filhos não te venham a conhecer, ou talvez não me vejas a acabar a Universidade...

Não sei.

O que sei é que vou sempre recordar-te, sei que os teus bisnetos vão ouvir e saber de cor todas as peripécias do teu tempo, tão diferentes das minhas e das deles.

Acho que vou aprender a fazer um Pudim de Leite como o teu...

Tua neta, Letícia Gomes

## Pequenos escritores: José Saramago por um dia

Escola Portuguesa do Mindelo

A propósito da comemoração do centenário de José Saramago, foi desenvolvida uma atividade com os alunos do 6.º ano A, da Escola Portuguesa do Mindelo, em que cada um simulava ser José Saramago por um dia, e respondia a breves perguntas colocadas pela docente da disciplina. A atividade iniciou-se com a seguinte frase, em forma de desafio: «*Estás prestes a ser entrevistado como se fosses o autor da obra “A Maior Flor do Mundo”*». Descreve os teus sentimentos, as tuas ideias e opiniões a propósito das citações que se seguem.»



Turma A do 6.º ano.



Preparação da entrevista.

**Como escritor que és, diz-nos como é que, na tua opinião, devem ser escritas as histórias para crianças.**

**Marco** - Olha, na minha opinião, as histórias para crianças devem ser escritas da maneira mais simples e compreensível possível, com palavras que usamos no nosso dia-a-dia, porque elas não nascem logo com o dicionário na cabeça para saber o significado de tudo, estão a entender?

**Maura** - Eu concordo plenamente que as histórias para crianças devem ser escritas com palavras simples. No entanto, acho que não deve conter somente palavras simples, poderão conter também palavras um pouco complicadas para essa idade, mas não tão complicadas como as palavras para adultos, porque essas palavras um pouco complexas, podem ativar a curiosidade das crianças em tentarem descobrir o que significa, o que é bom para o seu vocabulário.

**David** - As histórias para crianças devem ser escritas com palavras simples e infantis para as crianças entenderem.

**Hugo** - Na minha opinião, as histórias para crianças devem ser escritas com palavras simples e só algumas complexas, porque sempre é bom descobrir novas palavras.

**Nayma** - Na minha opinião, as histórias para crianças devem ser escritas com palavras fáceis, com um tipo de texto adequado para as idades e que transmita uma mensagem que os ajudará nas suas vidas, pois muitas crianças usam as histórias para aprenderem.

**Olha, na minha opinião, as histórias para crianças devem ser escritas da maneira mais simples e compreensível possível, com palavras que usamos no nosso dia-a-dia, porque elas não nascem logo com o dicionário na cabeça para saber o significado de tudo...**



### ***O que pensam as crianças acerca das histórias que os livros contam?***

**Marco** - Na minha época, sempre que alguém me contava uma história, eu criava um filme na minha cabeça. Imaginava as personagens, personificava coisas e sempre que vinha uma enumeração, eu imaginava cada objeto, um por um. As crianças da minha época, ou pelo menos eu, interpretavam as histórias desse jeito, mas agora são novos tempos, novas crianças e novos tipos de interpretação de histórias.

**Maura** - Depende de qual livro se trata. Alguns livros não têm a capacidade de levar as crianças a crer que estão a viver a história, ou se sentirem dentro do conto, quando, por exemplo, possuem bastantes palavras complexas. Já outros livros que possuem menos palavras complexas, podem ser capazes de levar as crianças a realmente se sentirem na história.

**David** - As crianças podem interpretar os livros de várias formas. Uns podem pensar de uma maneira e outros de outra maneira, dependendo da idade e da criatividade.

**Hugo** - Eu acho que as crianças pensam que o mundo é mágico.

**Melissa** - Elas pensam que tudo o que está escrito é verdade, porque há livros que são assustadores e depois elas sonham com isso e fica tudo na cabeça.

### ***De todas as histórias que conheces, partilha connosco três dos títulos que mais gostas.***

**Marco** - Essa pergunta é difícil de responder porque no meu ponto de vista, nenhuma história é melhor ou pior. Cada história tem seu ponto especial, por mais repetitiva ou original que seja. Mas as histórias que eu mais aprecio são: o Príncipezinho, Diário de um Banana e Beijo da Palavrinha.

**Maura** - De todas as minhas histórias, eu gosto mais de: O Conto da Ilha Desconhecida, O Silêncio da Água e Terra do Pecado, pois parece-me que podem despertar curiosidade nas pessoas para os lerem.

**David** - Os meus três títulos que mais gosto são: Ulisses, O Diário de um Banana e Os Cinco na Torre do Farol.

**Hugo** - Três dos títulos que mais gosto são: Arte em 30 segundos, Tirem-me daqui e Demolição.

### **Qual será o título da tua próxima história?**

**Marco** - Uma das partes mais difíceis de escrever uma história é o título. É difícil imaginar o título que mais se enquadra na história. Eu tenho trabalhado numa história e ainda estou indeciso por ele. As minhas ideias de título para essa história são: "A Morte de alguém falecido" ou "Apenas um ninguém morto". Mas eu acho que "A Morte de alguém falecido" se enquadra melhor no que será a história.

**Maura** - Deixa-me pensar... (breve silêncio) Já sei! A minha próxima obra se chamará "A atualização do mundo", que se baseia numa atualização que o mundo fez, por causa das tecnologias, redes digitais e outras plataformas. E vou parar para não contar demais.

**David** - O título será: "As aventuras do mundo".

**Hugo** - O título da minha próxima história será: "Um elefante no meu quarto".

### **Achas que as palavras difíceis podem afastar os alunos das histórias? Porquê?**

**Marco** - Sinceramente, até depois de tudo o que eu disse, eu acho que isso não afetaria a vontade do aluno de ler a história. Eu sou a favor de palavras mais simples para histórias infantis, mas uma ou outra palavra difícil eu não acho que vá prejudicar a leitura do aluno. Se pensarmos bem, a matemática é a mesma coisa, e tem gente que gosta dela.

**Maura** - Necessariamente não, mas as crianças preguiçosas que não possuem nenhum interesse em descobrir coisas novas, isso pode acontecer, diferente das crianças que demonstram interesse e curiosidade em descobrir. Porque, se nas histórias

possui várias palavras complexas, cada vez o aluno sentir preguiça em tentar descobrir e se isso continuar, o aluno é capaz de abandonar por completo a leitura, o que é bastante mau.

**David** - Sim, pois se as palavras forem difíceis, as crianças não entenderão e não vão ler as histórias.

**Hugo** - Eu acho que as palavras difíceis não irão afastar os alunos das histórias porque, como já disse, sempre é bom conhecer novas palavras.

### **Na tua opinião, as histórias têm palavras mágicas?**

#### **Dá-nos alguns exemplos dessas palavras.**

**Marco** - A única magia que vejo na literatura é a gramática. Se não fosse a gramática, eu nem seria o que sou hoje, um escritor considerado, importante para Portugal e sua respetiva literatura. Essa é a verdadeira magia dos textos no geral. Mas claro que tem os textos de magia, princesa e do tipo contos de fada, tem mesmo palavras mágicas, como: Abrete, Sésamo!, Com o poder dos deuses, eu invoco alguma coisa, Magia! e outras falas de feitiços.

**David** - Sim, pois palavras mágicas são as palavras que nos vão dar alguma magia na história, que nos vão ajudar a compreender melhor e nos ensinar, como: por favor, com licença, obrigado, entre outros.

**Hugo** - Na minha opinião não existem palavras mágicas sem ser: obrigado e por favor.

**Maura** - Sim, as histórias possuem sim palavras mágicas, como por exemplo: sésamo, abracadabra, sinsalabim, perlimpimpim, hocus pocus, etc.

**Eu acho que as palavras difíceis não irão afastar os alunos das histórias porque, como já disse, sempre é bom conhecer novas palavras.**

**Eu sou a favor de palavras mais simples para histórias infantis, mas uma ou outra palavra difícil eu não acho que vá prejudicar a leitura do aluno. Se pensarmos bem, a matemática é a mesma coisa, e tem gente que gosta dela.**

*Nota:*  
As respostas dos alunos correspondem a transcrições das entrevistas, pelo que não foi realizada nenhuma alteração/correção.

**Poderás explicar-nos o que quiseste dizer com estas duas interrogações?**

**Marco** - Eu quis dizer que se os adultos lessem os livros para crianças, iriam entender o que eu tenho lhes tentado dizer. Eu quero dizer que o vocabulário adulto é diferente do vocabulário infantil. Os adultos preferem algo mais formal enquanto a criança quer algo que ela tenha em seu vocabulário, não palavras complicadíssimas.

**Maura** - A primeira interrogação quer dizer que normalmente as histórias para as crianças dizem que são para as crianças lerem e não aos adultos, mas e se passassem a ser de leitura obrigatória para os adultos? Já a segunda, está relacionada as lições de moral presentes nas histórias infantis, que normalmente os adultos querem ensinar, mas eles não aprendem por não o terem posto em prática (não são todos). Logo, ao lerem as histórias infantis que possuem essas lições de moral serão eles capazes de aprender o que há tanto tempo querem ensinar?

**David** - Talvez se os adultos lessem essas histórias, poderiam dar melhores exemplos e assim ensinar da melhor forma as crianças.

**O que pensas a propósito dos pais acompanharem os seus filhos na leitura?**

**Marco** - Eu acho que os pais acompanharem seus filhos na leitura é um bom hábito, para ter assunto que conversar, ver se o que eles estão a ler é apropriado para a sua idade e ver o que seus filhos gostam de ler, estão a compreender?

**Maura** - Eu concordo certamente, isso é uma ótima ideia! Mesmo alguns pais não tendo tempo, podem reservar um tempo com o(s) seu(s) filho(s) para lerem em conjunto, até porque os pais acompanharem os filhos é mais um incentivo para ler, mais tempo socializando e até porque será benéfico para os dois!

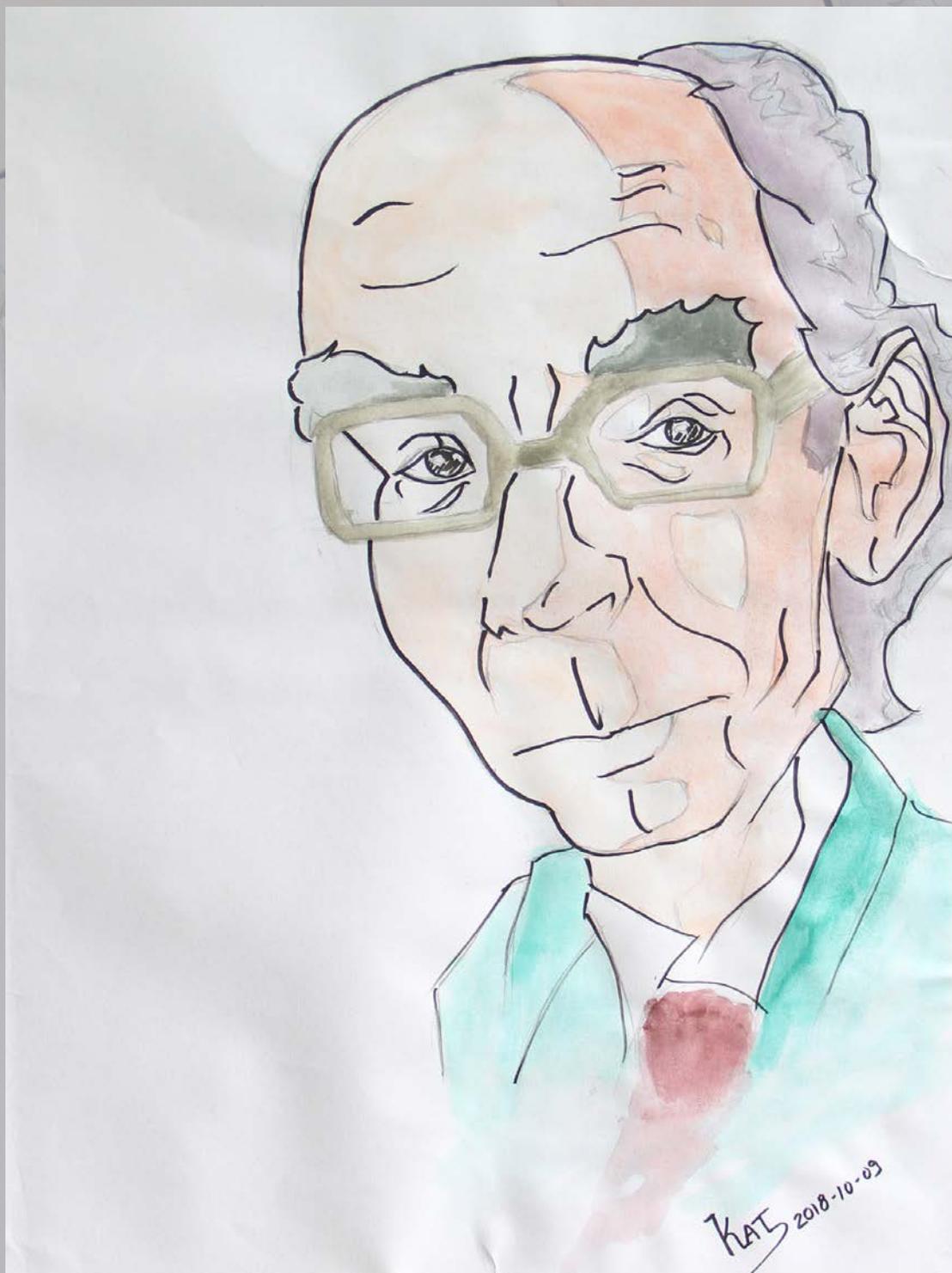
**David** - Eu penso que é uma boa ideia, pois se tiverem alguma dúvida, é só perguntar.

**Hugo** - Eu acho bom porque é uma forma dos pais ficarem mais perto dos filhos e podem ajudar na compreensão de algumas coisas.

**Nayma** - Eu acho que é muito importante e que todos os pais deveriam fazer isso, até porque se a criança tiver uma dúvida, os pais poderão ajudá-la e irão aprender mais coisas com os filhos e com os livros.



# Guiné-Bissau





## José Saramago, um escritor da língua portuguesa

Escola Portuguesa da Guiné-Bissau

Saramago,  
Eras um bom serralheiro português,  
Quando voaste o magnífico,  
Céu da Lusofonia,  
Tendo como bússola,  
O Memorial do Convento.

Da Passarola Voadora,  
Com Bartolomeu, Baltazar,  
E Blimunda – trindade terrestre,  
Regaste as sementes da liberdade,  
E ganhaste o mundo literário.

Felicitações académicas, Nobel!

Hoje se temos memória de ti,  
É porque na Cegueira,  
Abriste mente e olhos aos cegos.

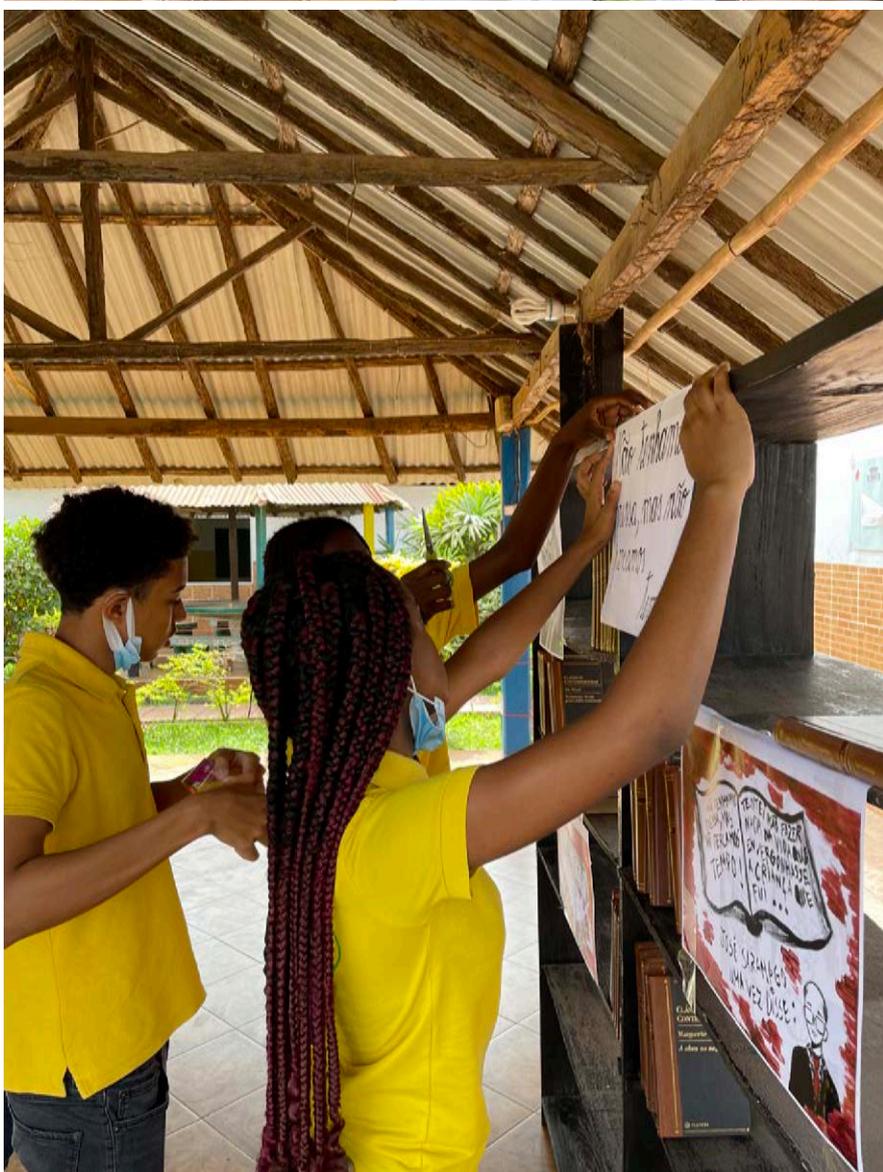
Se andas de escola em escola,  
Se viajas de país em país,  
Se resides de biblioteca em biblioteca,  
Porque valeu a pena o que ao mundo deixaste.

Felicitações humanísticas, Nobel!

Bissau, 30/3/2022



Alunos da Escola Portuguesa da Guiné-Bissau.



Montagem da exposição pelos alunos.



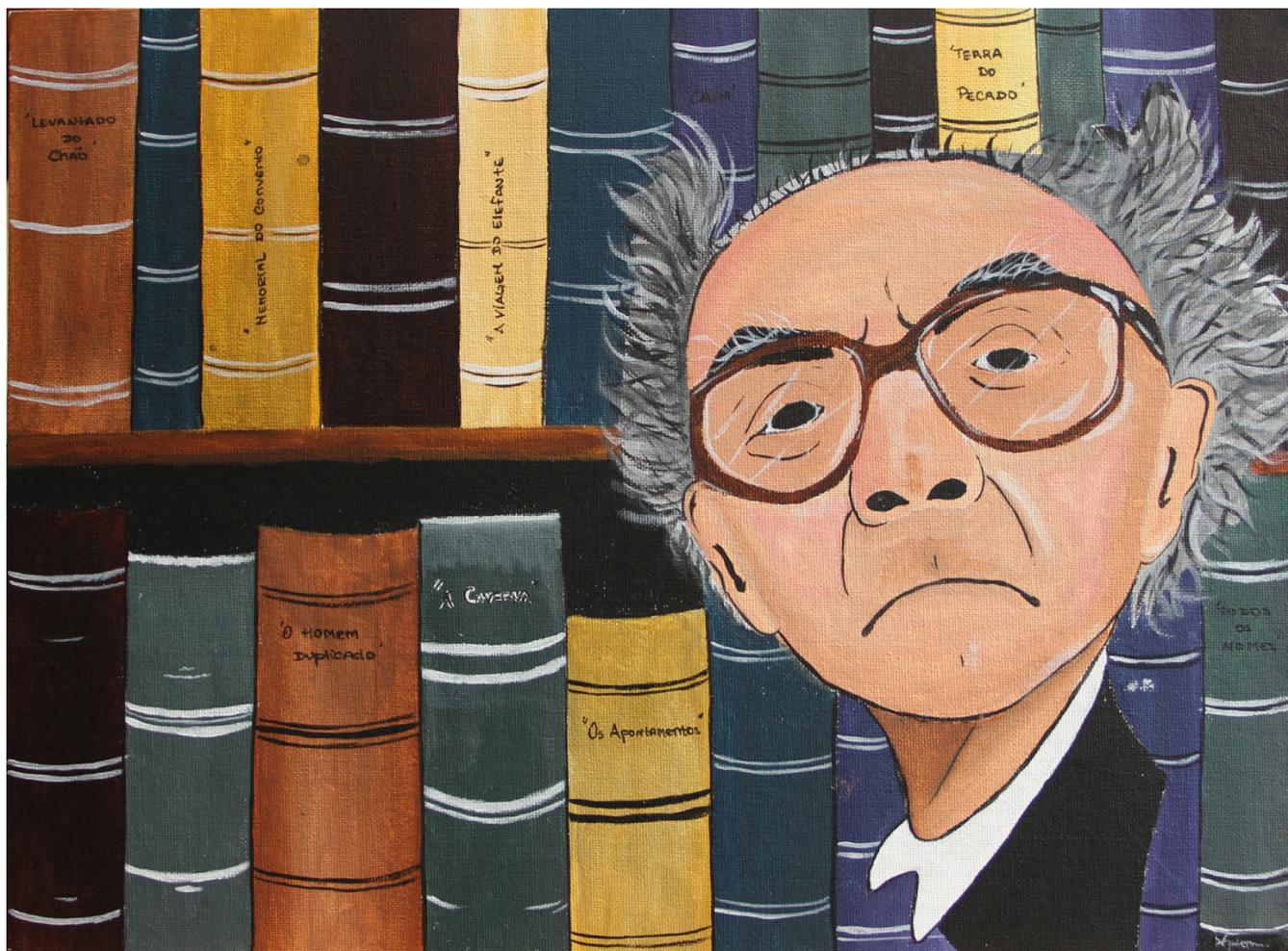
## No centenário de José Saramago que faremos com esta obra?

Escola Portuguesa de Macau

Raramente temos um ano assim! Não, não me refiro ao ano de 1936, palco do triste espetáculo do mundo que é dado a ver ao poeta “das amarguras serenas e do ceticismo elegante”, Ricardo Reis de seu nome, ano da morte do próprio. Refiro-me, sim, ao ano de 2022, porque este é, de facto, um ano que enche de orgulho o mundo “das línguas em português”, e em dose dupla, senão vejamos – para além do Centenário de José Saramago, que conta com diversas iniciativas, em Portugal e em vários pontos do mundo, até dia 16 de novembro próximo, é também o ano em que se celebra os 450 anos da primeira edição de Os Lusíadas, mais concretamente, no dia 12 de março. Dois autores marcantes na literatura e cultura portuguesas.



Andreia Fonseca, Escola Portuguesa de Macau.



Vanessa Pon, Escola Portuguesa de Macau.

O Centenário de Saramago, e é dele que vamos falar, tem sido aproveitado, nas escolas, para dar a conhecer aos mais novos a obra, o homem e o cidadão José Saramago – homem ética, social e politicamente comprometido, provocador, desassossegado, preocupado com o incumprimento dos direitos humanos e com as consequências das desigualdades, ignorância e miséria humanas.

A Escola Portuguesa de Macau, tão distante geograficamente da Azinhaga do Ribatejo que o viu nascer, não deixará, igualmente, de o evocar de forma especial ao longo deste ano estando programados alguns eventos que têm o objetivo de divulgar o seu legado.

Frequentada por um número bastante significativo de alunos de língua materna não portuguesa, a Escola Portuguesa tem o dever e a responsabilidade de dar a conhecer junto destes alunos os vultos mais proeminentes da literatura e cultura portuguesas e, por esta razão, uma efeméride como esta não deve ser desperdiçada.

Será certamente uma excelente ocasião para se falar, sobretudo com os alunos do ensino secundário, em cujo programa de Português constam obras suas de leitura obrigatória, do seu percurso tão improvável, (“um verdadeiro Milagre”, segundo palavras de Eduardo Lourenço), da singularidade da sua escrita, do impacto que a entrega do Prémio Nobel teve na internacionalização da sua obra e no reconhecimento das literaturas em português, para além das muitas causas humanitárias que ele abraçou.

Tendo em conta que 2022 é também o ano de evocação de *Os Lusíadas*, seria igualmente relevante aproveitar para dar a conhecer o sentimento de profunda admiração que Saramago sentia por Camões o qual considerava “um génio absoluto, o maior da nossa literatura” e abordar o jogo intertextual entre a obra do Prémio Nobel com a épica camoniana, visível em romances como *Memorial do Convento* ou *O Ano da Morte de Ricardo Reis* onde, no labirinto que é Lisboa, “todos os caminhos vão dar a Camões”.

Por ocasião da entrega do Nobel, Saramago confessou “que de Luís Vaz terá aprendido a humildade orgulhosa” de quem não desiste até ver a sua obra publicada, apesar de todos os infortúnios interpostos pelo destino, a crueldade e o desdém dos “grandes” do seu tempo.

Foi o retrato de um poeta doente e desalentado, mas que acredita na qualidade das suas oitavas, que Saramago projetou na obra dramática “Que Farei com Este Livro?”, pergunta colocada por Camões quando, finalmente, vê os seus esforços recompensados com a publicação da epopeia, para nos confrontar logo de imediato a nós, leitores, com a mesma questão “Que faremos nós com este livro?”. Que destino terá a obra de um escritor? Será ele tão cego de orgulho que acredite que vá sobreviver ao teste do tempo? Apesar de Saramago ter afirmado que tal é impossível (“é um disparate pensar que uma obra literária é imortal”) é um facto que a entrega do Prémio Nobel o tornou num “escritor do mundo”, com uma obra traduzida em mais de 42 idiomas e um número muito significativo de trabalhos académicos.

Com a consagração universal, ocorrida nesse distante ano de 1998, José Saramago juntou-se aos mestres com quem aprendeu nas bibliotecas de Lisboa e que o ajudaram a traçar o seu destino literário, destino tão improvável, partilhando com eles, muito justamente, o brilho do firmamento literário nacional - “é por eles que as nossas literaturas existem, eu sou apenas mais um que a eles se veio juntar”- disse.

Subverteu os códigos como só um grande escritor consegue, desassossegando-nos para um mundo onde domina a injustiça, a intolerância e onde os nossos pequenos interesses do quotidiano

e o nosso egoísmo nos cegam, e onde os mais desafortunados são esquecidos. Contudo, ele sabe que o escritor tem ao seu dispor a palavra que perpetua a memória “Somos a memória que temos e a responsabilidade que assumimos. Sem memória não existimos, sem responsabilidade talvez não mereçamos existir” –disse.

Sentiu-o também Camões quando, através do relato dos feitos portugueses alcançados no passado, teve como objetivo regenerar a pátria mergulhada na “rudeza/ Dua austera, apagada e vil tristeza”. É a sua voz que se faz ouvir ora desalentada ora crítica, contra o desprezo e a ignorância dos que governam. Num longo poema, que é misto de glorificação e crítica, euforia e frustração, a Palavra do Poeta imortalizará todos aqueles que por obras valorosas ultrapassaram a lei da morte.

Mas não foram apenas os mestres do ofício da palavra que contribuíram para que o aprendiz José se tornasse também num mestre. As personagens por ele criadas ao longo de tantas obras iriam fornecer-lhe “os materiais e as ferramentas” que o tornaram no homem que ele foi, como o próprio refere “criador dessas personagens mas ao mesmo tempo, criatura delas... todas elas personagens de ficção foram meus mestres de vida, os que mais intensamente me ensinaram o duro ofício de viver”.

E partindo de matéria real as foi criando, uma a uma, dando-lhes uma voz distinta para se tornar na voz delas, ser “o eco das vozes conjuntas das minhas personagens”.

Mais, através dessa voz desassossegada lembrou e homenageou as vidas miseráveis de todos os levantados do chão, de todos os injustiçados, com

**José Saramago juntou-se aos mestres com quem aprendeu nas bibliotecas de Lisboa e que o ajudaram a traçar o seu destino literário, destino tão improvável, partilhando com eles, muito justamente, o brilho do firmamento literário nacional - “é por eles que as nossas literaturas existem, eu sou apenas mais um que a eles se veio juntar”.**

destaque para os trabalhadores do Convento de Mafra de A a Z, tornados heróis de uma epopeia designada da pedra, que lembra a epopeia camoniana não fosse, ao contrário desta última, uma epopeia para satisfazer a prepotência de um rei megalómano.

Como alternativa à crueldade e à intolerância humanas o escritor propõe o Sonho, a Vontade e propõe também o Amor: o sonho e vontade de um padre louco que queria voar e o amor vivido por Baltasar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas, uma das mais belas histórias de amor da nossa literatura, o sol e a lua num equilíbrio perfeito apenas destruído pela intransigência dos homens.

A obra saramaguiana é palco de personagens únicas que gostaríamos de evocar nesta breve homenagem - Ricardo Reis que regressa a Lisboa no ano de 1936, o revisor Raimundo Benvindo Silva da História do Cerco de Lisboa, o duplicado Tertuliano Máximo Afonso, a mulher do médico, do Ensaio sobre a Cegueira, mas também o José Carpinteiro do Evangelho, o Sr. José de Todos os Nomes, e ainda o elefante Salimão, feito herói de uma extraordinária odisseia alpina, e claro, o cão Constante, podia lá faltar nesta nossa homenagem, e tantos outros.

E agora, perguntamos “Que faremos com esta obra?”

E agora, José? - parafraseando um Carlos brasileiro. Não podemos deixar que “a festa acabe”. As escolas devem continuar a lembrar Saramago, o homem e o cidadão através da sua obra, uma obra intensamente pedagógica (“dificílimo ato é o de escrever, responsabilidade das maiores”) transmitindo aos nossos jovens os valores

humanistas que preocuparam o homem cujo centenário celebramos, uma vez que os direitos humanos universais estão muito longe de estar garantidos: a eclosão de um conflito na Europa está a provocar uma onda de deslocados; a fome prolifera em locais onde os conflitos de todo o género parecem não ter fim à vista; o fosso entre ricos e pobres acentua-se; o meio ambiente continua a ser implacavelmente destruído para servir interesses económicos; a intransigência e a xenofobia recrudescem em ambientes de fervor radical e populista, tudo isto e o absurdo da nossa existência “a nossa esquizofrénica humanidade”. O mundo, infelizmente, continua envolto num mar branco que nos cega.

Apesar da descrença que sentia pela humanidade, que considerava “péssima”, José Saramago deixou-nos dos desenlaces narrativos mais bonitos da nossa literatura – a vitória do Sonho e do Querer humanos no momento em que Blimunda fica da posse da vontade de Baltasar “Aquele que não subiu às estrelas, se à Terra pertencia”, em Memorial do Convento, e a esperança de que o homem consiga sair da cegueira racional que o consome, em Ensaio sobre a Cegueira, pois “a cidade ainda ali estava” à espera de que a humanidade seja capaz de se resgatar através de um gesto de solidariedade.

Por todas estas razões, e tantas mais, que o tornam num escritor tão atual, faz cada vez mais sentido dar a conhecer aos nossos alunos a obra de José Saramago pois, como referiu o escritor, se “a literatura não muda o mundo (...) vou tendo razões para acreditar que a vida de uma pessoa pode ser transformada por um simples livro”.

Alexandra de Aragão,  
professora de Português

**Com a consagração universal, ocorrida nesse distante ano de 1998, José Saramago juntou-se aos mestres com quem aprendeu nas bibliotecas de Lisboa e que o ajudaram a traçar o seu destino literário, destino tão improvável, partilhando com eles, muito justamente, o brilho do firmamento literário nacional - “é por eles que as nossas literaturas existem, eu sou apenas mais um que a eles se veio juntar” - disse.**

# O grande tesouro da literatura portuguesa

Escola Portuguesa de Macau

Todos os anos, os alunos do décimo segundo ano veem-se confrontados com o mundo de José Saramago, um mundo até então desconhecido e por muitos temido. Este ano chegou a nossa vez. Através da obra “Memorial do Convento”, tivemos a oportunidade de conhecer uma pequena parte do imaginário do único vencedor português do Prémio Nobel de Literatura.

José Saramago sempre foi considerado um autor singular mas só ao ler as suas obras é que realmente se entende o porquê. A escrita deste autor é o que mais o diferencia de todos os outros, desde o minucioso detalhe até à rutura com a norma linguística no que respeita à pontuação. Para além de outras características, as mencionadas são as que mais assustam os alunos, contudo, uma vez mergulhados nas narrativas de Saramago, estas tornam-se pequenas pérolas que o autor oferece ao leitor.

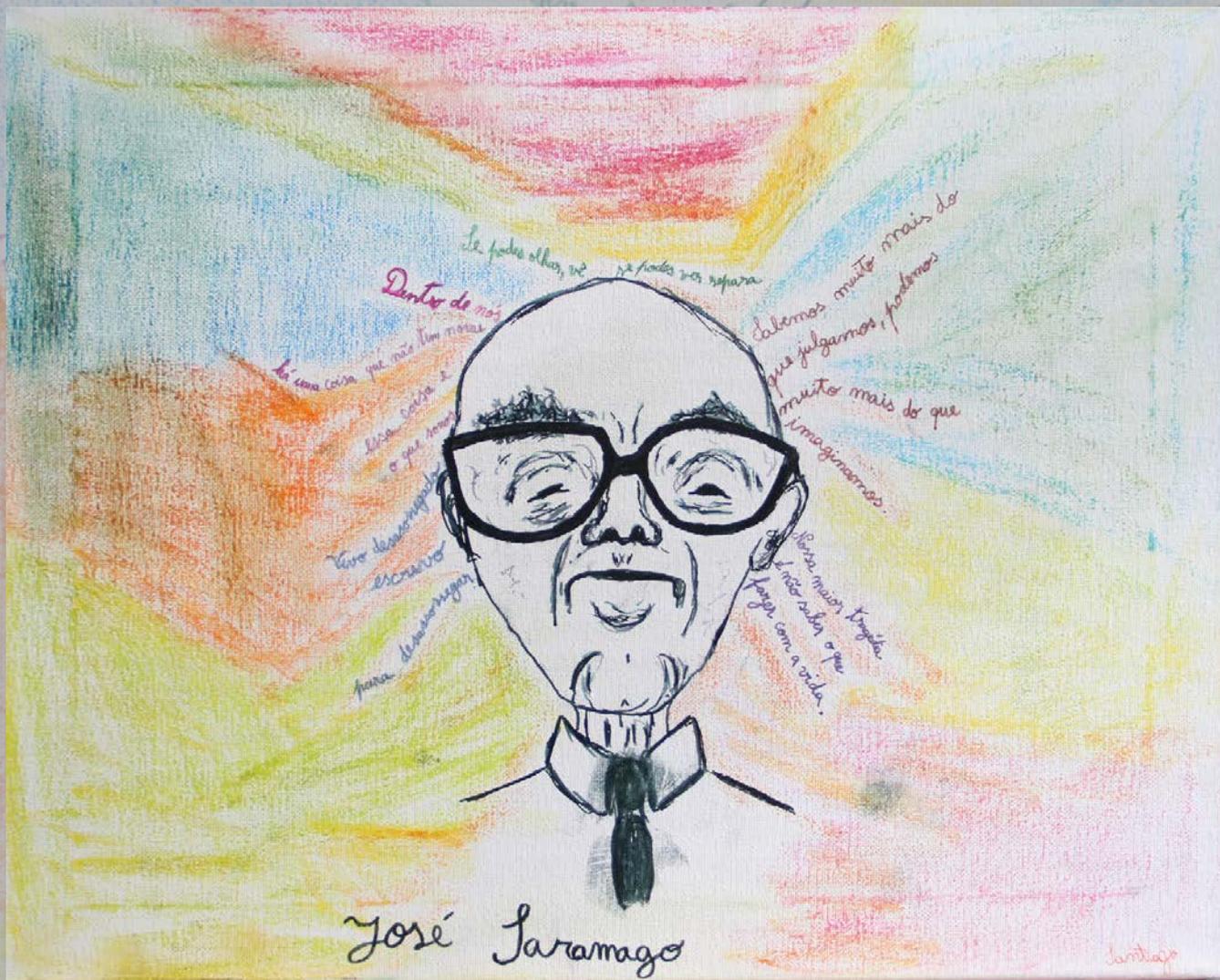
Ao longo da obra Memorial do convento, o leitor sente que está presente na ação através das descrições e do estilo oral do autor. Este estilo, pouco pontuado, possibilita uma leitura mais fluida e autêntica dos pensamentos do autor. Quanto à descrição, esta abrange a sociedade, o ambiente, o estado psicológico das personagens que, juntamente com os acontecimentos trágicos presentes na obra, faz com que o leitor visualize vivamente a ação.

Ao longo do romance assistimos de perto ao puro e verdadeiro amor de Baltasar e Blimunda, fruto do destino que os juntou naquele auto de fé, que contrasta nitidamente com a relação entre os monarcas do Reino; à amizade entre o casal e Padre Bartolomeu de Gusmão, a “Santíssima Trindade” como eles próprios se autocaracterizam; à concretização de um sonho em comum e à vontade de realizar o impossível: voar; à construção de um convento em Maфра, fruto da ambição descabida de D. João V e assistimos, ainda, ao sofrimento dos trabalhadores que ergueram esse convento, representados por vinte e seis nomes de A a Z.

Podemos por isso concluir que Saramago e as suas obras são grandes tesouros da literatura portuguesa que até aos dias de hoje nos fazem sonhar com histórias do nosso país, quer estejamos perto ou a 10 908 quilómetros de distância.

Mara Carvalho, Mariana Ferreira e  
Nicole Nogueira, 12.º ano, turma A.

# Moçambique



Santiago Lança, Escola Portuguesa de Macau

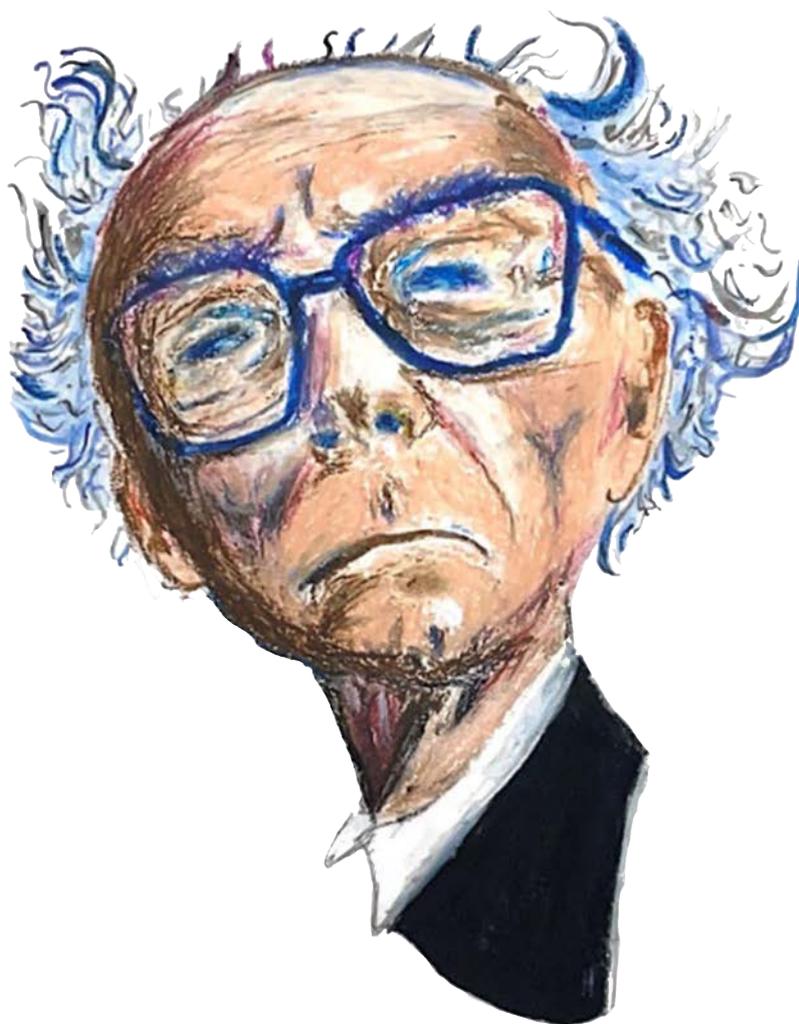
José Saramago

## Saramago - um escritor da Língua Portuguesa

Escola Portuguesa de Moçambique - CELP

Saramago dispensa apresentações. Homem humilde, reto, de convicções fortes, leitor voraz, oriundo da aldeia da Azinhaga fez das palavras a sua casa, uma casa atenta, justa, rebelde e, felizmente, inconformada com as limitações da humanidade.

É um artista da língua portuguesa/ nome gigante da literatura portuguesa. É um exemplo exímio da grandeza, diversidade e criatividade da língua de Camões. Uma língua multicolor, perfumada de especiarias, açucarada, frutada, que ora veste capulana, ora se cobre de xaile. Língua, que segundo o próprio, é maior do que o berço que a viu nascer e que vendo bem não é uma, são múltiplas línguas em português. Em Saramago, a língua dança, também ela, num palco que “primeiro estranha-se, depois entranha-se”, e citamos Pessoa.



Diego Hernandez Schlüssel - 11.º ano, Escola Portuguesa de Moçambique.

**Poeta, dramaturgo, romancista, cronista, diarista, Saramago sublimou o uso da língua portuguesa. Certamente que por ele, também, se terão reunido os Deuses do Olimpo...**



A norma da redação subverte-se, não há a pontuação comum nos diálogos que aprendemos nos bancos da escola, que ensinamos como professores, não há a norma que mora nos compêndios; não há limites que possam prender os sonhos, a luta contra as convenções e injustiças sociais. Em Saramago, a língua faz-se liberdade, para nos soltar as amarras da cegueira com que o quotidiano tolda a visão e, tantas vezes, nos trava a voz. Em Saramago, a língua levanta-se do chão e deixa-se abraçar por uma comicidade ímpar que do carácter às situações nos sacode a poeira dos dias. Em Saramago, a eloquência anda de mãos dadas com a simplicidade, lembrando o valor e a riqueza incomensurável desta língua secular. Nenhuma palavra é substituível. Todas são meticulosamente escolhidas, da mais simples à mais complexa. Mesmo nos seus textos, aparentemente mais simples “A maior flor do mundo” e “O conto da ilha desconhecida” a língua mostra-se precisa, preciosa, rica, o que leva inevitavelmente a um descerrar de horizontes.

Em Saramago, a humanidade vence. Vencem os mais desfavorecidos, aqueles a quem a vida se mostra provação, vence

o sonho, a igualdade na diferença. Percorrem a obra de Saramago personagens que pelas suas ações, pelo seu esforço, pela sua luta incessante assumem um carácter épico. Vemos continuamente em Saramago a superação do sofrimento, num acreditar permanente no valor do que de mais valioso tem a humanidade. Neste universo, a mulher assume um papel preponderante, nomeadamente aquela cujas origens são mais humildes. Personagens surpreendentes como, por exemplo, Blimunda em “Memorial do Convento” e “Lídia” em “O ano da morte de Ricardo Reis” que por não estarem espartilhadas pelas convenções sociais, típicas das pertencentes a meios sociais mais elevados, revelam uma maior capacidade interventiva, uma maior resistência. Mulheres que amam, sofrem, resistem. Mulheres dotadas de um poder transformador, cujas origens repousarão indubitavelmente na força das mulheres da vida Saramago, como a avó Josefa.

Ainda que a obra de Saramago seja maioritariamente narrativa, convivem nos seus romances, numa harmonia luxuriante, o modo narrativo, dramático e poético. Este autor faz das palavras

arte, sendo um extraordinário contador de histórias, não nos poupa à vivacidade dos enredos das conversas, levando-nos, a nós leitores, a sentir a vida das personagens e as suas peripécias como se numa sala de teatro estivéssemos. Ler Saramago em voz alta aproximamos desse tom teatral, dando-nos, frequentemente, a claríssima sensação de que não estamos sozinhos com a sua obra, estamos diante de um palco imaginário onde tudo acontece. A arte de usar as palavras, palavras “lubrificadas com óleo de paciência”, citando o autor, não se fica por aqui, são inúmeros os momentos em que mergulhamos numa prosa poética que nos percorre visceralmente os sentidos.

Poeta, dramaturgo, romancista, cronista, diarista, Saramago sublimou o uso da língua portuguesa. Certamente que por ele, também, se terão reunido os Deuses do Olimpo, num consílio em que Vénus o enalteceu largamente e Baco, estranhamente, bebeu à sua saúde.

Ana Paula Relvas, coordenadora da BEJC e do departamento de línguas;  
Estela Pinheiro, representante da área disciplinar de Português

# Saramago - um escritor da Língua Portuguesa

Escola Portuguesa da Beira

*E se as histórias para crianças passassem a ser de leitura obrigatória para adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que tanto tem andado a ensinar?*

José Saramago

O que dizer de José Saramago que já não tenha sido dito por milhentas pessoas muito mais habilitadas que eu para o fazer?

Autor consagrado mundialmente; Primeiro prémio Nobel da Literatura de Língua Portuguesa; 2022 é o ano do 1º centenário do seu nascimento; Autor prolífero com um estilo muito próprio, mais de conversa corrida do que de literatura, que talvez lhe tenha vindo da sua formação e princípio de carreira eminentemente prática...



Escola Portuguesa da Beira.



## Na obra “A maior flor do mundo”, o autor descreve um menino como qualquer um de nós, que existe dentro de si, demonstrando uma série de sentimentos que nos tocaram particularmente...

Do seu espólio literário destacamos e priorizamos os contos infantis, dos quais ele dizia: *"As histórias para crianças devem ser escritas com palavras muito simples... Quem me dera saber escrever essas histórias!"*

Assim, tentando recuperar um pouco do trabalho desenvolvido pelos nossos alunos, em 2018, quando da visita à Beira do Ilustrador André Letria para apresentação da Edição da Porto Editora do livro "A maior flor do mundo", e que, infelizmente, foram quase todos destruído no ciclone Idai, os alunos do 4º ano fizeram uma leitura e debate entre si sobre o conto e apresentaram a seguinte opinião:

"Na obra «A maior flor do mundo» o autor descreve um menino como qualquer um de nós, que existe dentro de si, demonstrando uma série de sentimentos que nos tocaram particularmente e que nos levou a traçar o seguinte retrato do personagem:

- Sentimental porque se preocupou em salvar a flor;
- Corajoso ao subir 20 vezes a colina para regar a flor;
- Altruísta porque não se preocupou com a sua própria segurança;
- Dedicado e persistente porque se entregou completamente à tarefa de salvar a flor e não desistiu apesar das dificuldades.

Conclusão: O autor tornou este conto uma aventura emocionante e desafiante para todos nós e motivou-nos a tentar desenvolver este tipo de atitudes na nossa vida."

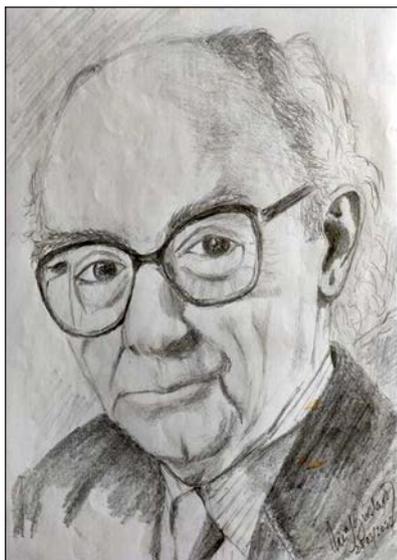
José Saramago foi o autor escolhido para ser trabalhado, em todas as turmas, na sua faceta de cronista com crónicas escolhidas do livro "A Bagagem do Viajante", para assinalar o "Dia Mundial da Língua Portuguesa" a 5 de maio.

Maria Ângela Silva  
Direção EPB

“A Maior Flor do Mundo”, ilustração do aluno.

# José Saramago - um escritor da Língua Portuguesa

Escola Lusófona de Nampula



**Se o “saramago” é uma planta herbácea cujas folhas são comestíveis (naquele tempo serviam de alimento aos pobres), podemos afirmar também que Saramago (com letra maiúscula) nos alimenta o intelecto, através da sua vasta obra literária espelhada em diversos géneros textuais.**

José de Sousa nasceu no dia 16 de novembro de 1922, em Azinhaga, uma aldeia rural do Ribatejo. Ao seu nome foi acrescentado o apelido Saramago por iniciativa de um funcionário do Registo Civil, visto ser a alcunha pela qual a sua família era conhecida naquela localidade.

Se o “saramago” é uma planta herbácea cujas folhas são comestíveis (naquele tempo serviam de alimento aos pobres), podemos afirmar também que Saramago (com letra maiúscula) nos alimenta o intelecto, através da sua vasta obra literária espelhada em diversos géneros textuais.

A origem humilde de José Saramago contribuiu para que tivesse de ultrapassar muitos obstáculos ao longo da vida. Como era dotado de grande tenacidade, após terminar o curso de serralheiro mecânico no ensino profissional, arranjou emprego numa oficina de reparação de automóveis e no tempo pós-laboral, como não tinha livros em casa, frequentava uma biblioteca pública em Lisboa, cidade onde passara a viver com a família a partir dos dois anos de idade.

O gosto pela leitura foi despoletado através dos livros escolares de Português, por conterem seleções de textos em prosa e em verso de vários autores. Ora, na biblioteca, a vontade de aprender e a curiosidade de conhecer as obras dos autores de quem só tinha lido

alguns excertos, contribuíram para o desenvolvimento do gosto pela leitura. A sua vasta cultura literária deu-lhe competências para vir a desempenhar diversas profissões, quer por razões de ordem económica, quer por gosto.

A partir de 1976, Saramago dedicou-se exclusivamente à escrita. O seu mundo literário fundamentou-se em quatro elementos: i) a criação de uma nova linguagem que, respeitando a sintaxe, modifica a expressão gráfica; ii) a introdução de elementos sobrenaturais mantendo a ligação com o mundo real; iii) a expressão da dúvida do homem moderno, que assume uma posição crítica sobre o passado para perspetivar o presente; e iv) a viagem quer no mundo real que o envolve, quer pelo interior do homem através da imaginação.

Veio a tornar-se no mais premiado romancista português e o primeiro na língua de Camões, por ser dela um artista, a quem foi atribuída a distinção que é oferecida aos escritores ao nível mundial – o Prémio Nobel da Literatura – em 1998.

A sua ativa militância política comunista e o seu ateísmo geraram bastantes controvérsias e influenciaram a sua obra, dado que, vários dos seus livros abordam temas como a ordem religiosa e a política.

Maria José Gustavo  
D. Pedagógica

## Saramagueando...

Vamos imaginar um aluno do 8.º ano, que, certo dia, encontrou o escritor José Saramago na esplanada de uma pastelaria e resolveu meter conversa com ele.

“Desculpe incomodá-lo, senhor Saramago, peço que me empreste o porta-guardanapos que está sobre a sua mesa, visto que o da minha mesa está vazio. Serve-te, aliás, deixa-o ficar aí, porquanto não irei necessitar mais deles. Vejo que está a rascunhar mais um romance... Por enquanto, vou tomando algumas notas sobre ideias que ando a congeminar ou registando algumas situações que observo, pois em algum momento poderei recorrer a elas para me inspirar na escrita dos meus próximos romances. Não sei como consegue escrever tantos e de temas tão variados, serão mais de quarenta como diz na internet. Sim, deve ser à volta desse número, baseados em experiências da minha já longa existência e com ficção à mistura, mas... Estudei o seu Conto da Ilha Desconhecida, na sala de aula, e a princípio achei muito estranha a maneira como o senhor escreve, mas depois até achei bué engraçada, A minha professora até disse que “primeiro estranha-se, mas depois entranha-se”. Hum, eu quis inovar o estilo literário quanto à pontuação e isso agradou aos leitores, que o têm demonstrado adquirindo as minhas obras. Sabe, senhor Saramago, eu sou mais vidrado no meu SAMSUNG e na minha consola de jogos, não sou muito de leituras, até porque os livros são “caros para burro”. Ora, ora, se contabilizares o dinheiro gasto em megas para te entreteres com os jogos eletrónicos, verás que daria para comprares livros que te ajudariam a passar o tempo em viagens imaginárias, enquanto alargarias conhecimentos e adquiririas mais vocabulário, que é tão rico na língua portuguesa. O senhor parece mesmo a minha professora a falar, “alguns de vocês não têm imaginação nenhuma para escrever um texto e, no pouco que escrevem, repetem os vocábulos vezes sem conta, leiam, leiam muito, não por obrigação, mas por prazer, organizem as vossas atividades fora das aulas e reservem algum tempo para a leitura diária, verão que lhe tomam gosto”, por isso vou pedir que, no meu aniversário e no Natal, optem por me oferecer alguns dos livros da lista que vou organizar e prometo que me vou tornar um leitor regular. Que ótima resolução, verás que não te vais arrepender, meu rapaz. Até outro dia, senhor Saramago, gostei muito de ter falado consigo, Amanhã, na escola, vou contar à minha turma este nosso encontro. Também gostei de conversar contigo, rapaz, Até qualquer dia.”

Maria José Gustavo

**Vejo que está a rascunhar mais um romance... Por enquanto, vou tomando algumas notas sobre ideias que ando a congeminar ou registando algumas situações que observo, pois em algum momento poderei recorrer a elas para me inspirar na escrita dos meus próximos romances.**

# São Tomé e Príncipe



Davina Zou, Hugo Sousa, Maria Martinez, Escola Portuguesa de Macau

# José Saramago

## “Não tenhamos pressa, mas não percamos tempo”

Escola Portuguesa de São Tomé e Príncipe  
CELP



Os alunos da Escola Portuguesa de São Tomé e Príncipe homenagearam o escritor português José Saramago. Tendo como referência a comemoração do centenário do seu nascimento, foi lido o conto “A maior flor do mundo”, única publicação no campo da literatura infanto-juvenil do autor. No jardim central da Escola, rodeados pela vegetação multicolor, treinaram a leitura expressiva, leram e filmaram o trabalho desenvolvido.

José Saramago, nascido em 1922 e falecido em 2010, destacou-se como romancista, poeta, cronista, contista, tradutor e dramaturgo. De origem humilde, foi autodidata, adquirindo grande cultura nas áreas da literatura, filosofia e história. Para além de outros prémios recebidos, o autor foi agraciado com o Prémio Nobel da Literatura em 1998. Distinguiu-se por uma postura própria de um ilimitado amor à vida e defendeu o protagonismo humano como

solução para os problemas sociais. Utilizou as suas obras como veículo de reflexão, para que o leitor se concentrasse na essência do ser humano, abordando temas sociais bem como crítica política e religiosa numa perspetiva realista.

Considerado um humanista, o autor atreveu-se a desafiar cânones definidos em áreas como a religião ou mesmo a linguagem e a pontuação. Revelou alguma rebeldia ao valorizar o ser humano acima de tudo e, por esse motivo, nem sempre foi bem entendido.

Algumas das suas obras literárias chegaram ao cinema, incluindo o conto infanto-juvenil “A maior flor do mundo”.

As professoras de Português

## O artista genial

Quando se estuda literatura portuguesa, José Saramago é um nome que inevitavelmente ecoa nos nossos ouvidos. Não apenas pela sua faceta intelectual ou obras enigmaticamente especiais, mas também pela forma peculiar e singular de escrever.

Ainda me lembro do choque que tive após ler uma das suas obras. Lembro-me da indecisão e da angústia, lembro-me de tentar decidir se o homem era um génio ou um insano.

Memorial do Convento não foi o meu primeiro contacto com o autor. Em anos passados, li uma das suas obras, mas creio que era demasiado imatura para realmente o compreender.

Agora, mais ciente, li Memorial do Convento, um romance excepcional que integra tanto a narração ficcional como histórica, e pude perceber o quanto um simples livro poderia causar uma montanha russa de emoções.

O romance trágico, os contrastes sociais, as personagens elaboradas, o espaço, os detalhes, a linguagem e o estilo único tornaram a obra num texto épico que impacta qualquer um que o leia.

Ao ler a referida obra, um misto de sentimentos foram-se manifestando em mim. Senti uma ânsia inexplicável e paixão com o romance, ri com as ironias e as descrições metafóricas, e aprendi factos interessantes que não se encontram nem nos livros de História. Este livro foi sem dúvidas arrebatador.

No que se refere a José Saramago não tenho muito mais a dizer. Os rumores são reais, ele é um artista da língua portuguesa. Relativamente à minha indecisão inicial, quero que fique bem esclarecido, José Saramago é incontestavelmente um admirável génio.

Carla Barreto, 12.º ano CT



**Outro aspeto que, no meu ponto de vista, é confuso, porém apelativo, é o tempo do discurso. Apresenta uma forma linear para invocar factos passados e antecipar situações, fazendo críticas à sociedade e relatando visões globalizantes de tempos distintos.**

## O Único Escritor

José Saramago (1922-2010) é um dos principais escritores da literatura contemporânea portuguesa, tendo como exemplos de obras de referência: Ensaio sobre a cegueira (1995) e Memorial do Convento (1982). Em 1998, devido à sua notória capacidade de escrita, ganhou o Prémio Nobel da Literatura.

Abordando temas polémicos, como a crítica política e religiosa, as obras literárias de José Saramago apresentam uma peculiar estrutura. Muitas das suas frases ocupam mais de uma página, usando vírgulas onde a maioria dos escritores usaria pontos finais, descarta o uso de pontos de interrogação e ou de exclamação. Admito que, de certo modo, é cativante e fascinante esta técnica de ausência da marcação das falas, pois assegura uma sensação de fluxo de consciência e atribui um certo ritmo à leitura, a ponto de fazer o leitor questionar se uma certa passagem foi real ou apenas um pensamento do narrador.

Não obstante as críticas dos académicos e de outros autores, José Saramago subverteu a norma e pôs tudo em estado de desordem, inovação. Foi o primeiro e único escritor a revolucionar e distinguir a escrita, o que em mim despertou uma imensa curiosidade de o conhecer.

Outro aspeto que, no meu ponto de vista, é confuso, porém apelativo, é o tempo do discurso. Apresenta uma forma linear para invocar factos passados e antecipar situações, fazendo

críticas à sociedade e relatando visões globalizantes de tempos distintos.

Estas críticas irónicas sociais e a forma não convencional de escrita são aspetos que me motivam a ler obras deste magnífico senhor das letras.

Para terminar, reforço que, no panorama literário atual, José Saramago tem um lugar cimeiro de mérito incontestável, não só pelo Nobel da Literatura que lhe foi atribuído, mas sobretudo pelo modo como continua a surpreender-nos.

Sei, com certeza, em quem pensar, quando me for pedida a referência de um escritor português.

Ísis Bragança, 12.º ano CT

## **José Saramago**

### **“Um artista da língua portuguesa”**

José Saramago foi um homem, escritor, poeta, contista, dramaturgo e jornalista português e é considerado a maior expressão da literatura portuguesa contemporânea. Foi o primeiro escritor em língua portuguesa a receber o Prémio Nobel de Literatura, em 1998.

Este artista deixou um vasto espólio literário constituído por romances, contos, textos teatrais, geralmente marcados pela crítica social, política e religiosa. Os temas que ele aborda e a forma como escreve, onde a pontuação é quase inexistente e os pontos finais aparecem só nos finais de parágrafos que podem ser longos, transformam-no num escritor polémico.

A forma de escrita deste importante nome da literatura portuguesa faz com que os leitores das suas obras tenham uma grande dificuldade em acompanhar certas partes da história e o desenrolar da mesma. Contudo, uma maior disposição e concentração, por parte do leitor, tornam a leitura uma experiência memorável.

A primeira vez, que li um excerto duma obra de José Saramago, confesso que não percebi nada, pois estava desconcentrado e desinteressado e por isso quase desisti. Porém, devido à teimosia que habita em mim, insisti e, na segunda leitura, fiquei maravilhado com a forma de escrita que antes me incomodava e que agora acho genial. As críticas que antes não entendia e agora consigo identificar na análise do texto, deixam-me cada vez mais interessado em conhecer melhor este escritor.

Há uma frase de Saramago que retenho e que vou levá-la para a o resto da vida: “Há esperanças que é loucura ter. Pois eu digo-te que se não fossem essas já eu teria desistido da vida.”

Almiro Fernandes, 12.º ano CSE

## O “Zé” contador de histórias

Ao nos debruçarmos dentro a vasta gama de artistas portugueses com obras de excelência não temos escape do encontro cativante com José Saramago.

Mesmo sem saber das suas conquistas em prémios e reconhecimento dentro e fora de Portugal, conseguimos perceber o seu diferencial. Saramago deixou a sua marca como escritor ao redigir prosas e poesias, contos e crónicas, romances e peças teatrais, jornalismo, enfim, não importa o estilo literário, com

muito jeito e talento nato ele dominava-os com versatilidade.

Mas também pelo seu carácter estilístico muito próprio. Podemos ter em conta, como exemplo, a obra Memorial do Convento, com ironia provocadora, fugindo do fluxo da história, metáforas atrevidas, articulação envolvente dos diálogos, ausência da pontuação convencional, aproximamo-nos de um orador carismático numa escrita tão natural que qualquer leitor, interessado ou não, torna-se ansiosamente cativo de chegar ao fim da trama.

E o segredo do sucesso de José Saramago é que ele não nasceu escritor e poderia ter morrido sem escrever nada. Porque este “Zé” era na essência um magnífico contador de histórias, criativo e completamente ousado ao sair do padrão da escrita a que estamos habituados.

Ninguém pode viver no mundo em que um artista imortal viveu sem ter a honra de tropeçar em pelo menos uma das suas obras-primas.

Imna Silva, 12.º ano CT





## José Saramago: a inspiração

Escola Internacional de São Tomé e Príncipe

Imbuídos pelo espírito magnífico da escrita de José Saramago, os alunos da turma do 4.º ano, orientados pela professora Cristina Sorte, ouviram a história “A maior flor do mundo”. O local escolhido não poderia ter sido melhor, um jardim, uma árvore e muito verde à volta. Enquanto decorria a apresentação do livro e ouviam o desfiar das palavras, os alunos sentiam a brisa fresca e o “abraço” da sombra da enorme árvore que, com eles, também ouvia a história e, quem sabe?, sonhava com um “menino-herói” que pudesse salvar todas as suas amigas/irmãs que, na floresta, sofrem atrocidades pela mão do Homem em prol da modernização, do progresso, da evolução... Quem sabe, algum destes meninos, inspirados pela beleza e grandeza da mensagem, poderá vir um dia a ser um menino-herói! Quem sabe?! Talvez seja esta a leitura da mensagem que o autor tão subtilmente nos provoca, a nós adultos, quando diz “E se as histórias para crianças passassem

**É na simplicidade das palavras e na grandiosidade dos pequenos atos que assenta a base da construção de um mundo melhor. De um mundo repleto de meninos-heróis, de flores gigantes e de adultos que apreciam e entendem histórias para crianças.**

a ser de leitura obrigatória para adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado ensinar?” Que enorme desafio, para nós professores e adultos em geral, nos deixa esta mensagem... Tanto respeito!!

Inspirados pela mensagem da história “A maior flor do mundo”, no Dia Mundial da Árvore, com a colaboração da ONG BirdLife e a equipa de guardiões da Floresta de Obô, os nossos alunos iniciaram uma caminhada de responsabilidade social repleta de significado plantando árvores na floresta. Uma marca positiva e sustentável para o futuro da nossa ilha.

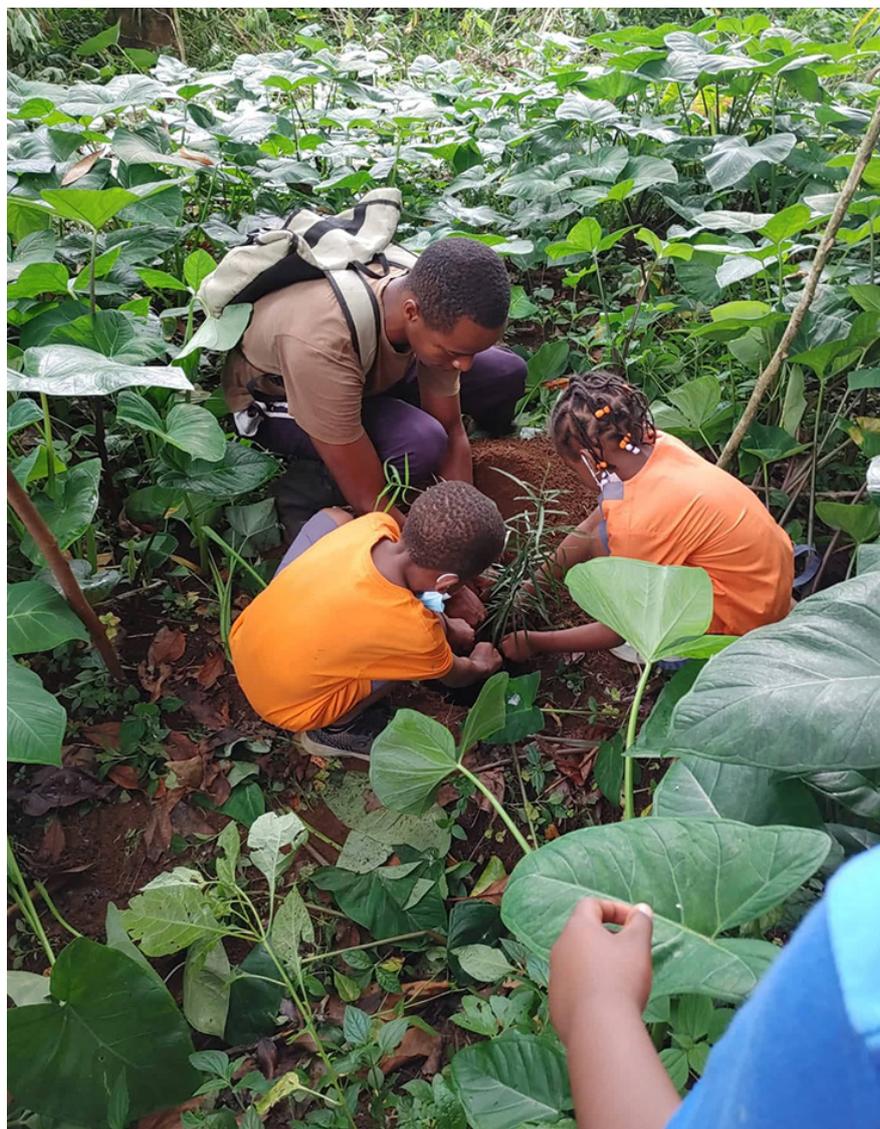
É na simplicidade das palavras e na grandiosidade dos pequenos atos que assenta a base da construção de um mundo melhor. De um mundo repleto de meninos-heróis, de flores gigantes e de adultos que apreciam e entendem histórias para crianças. É com estes princípios que a Escola Internacional de São Tomé e Príncipe ajuda, dia a dia, cada um dos seus alunos, a crescer de uma forma livre e responsável.

José Saramago, um enorme obrigado por continuar a envolver, a inspirar e a provocar, através do legado que nos deixou.

Sílvia Mota  
Diretora da EISTP

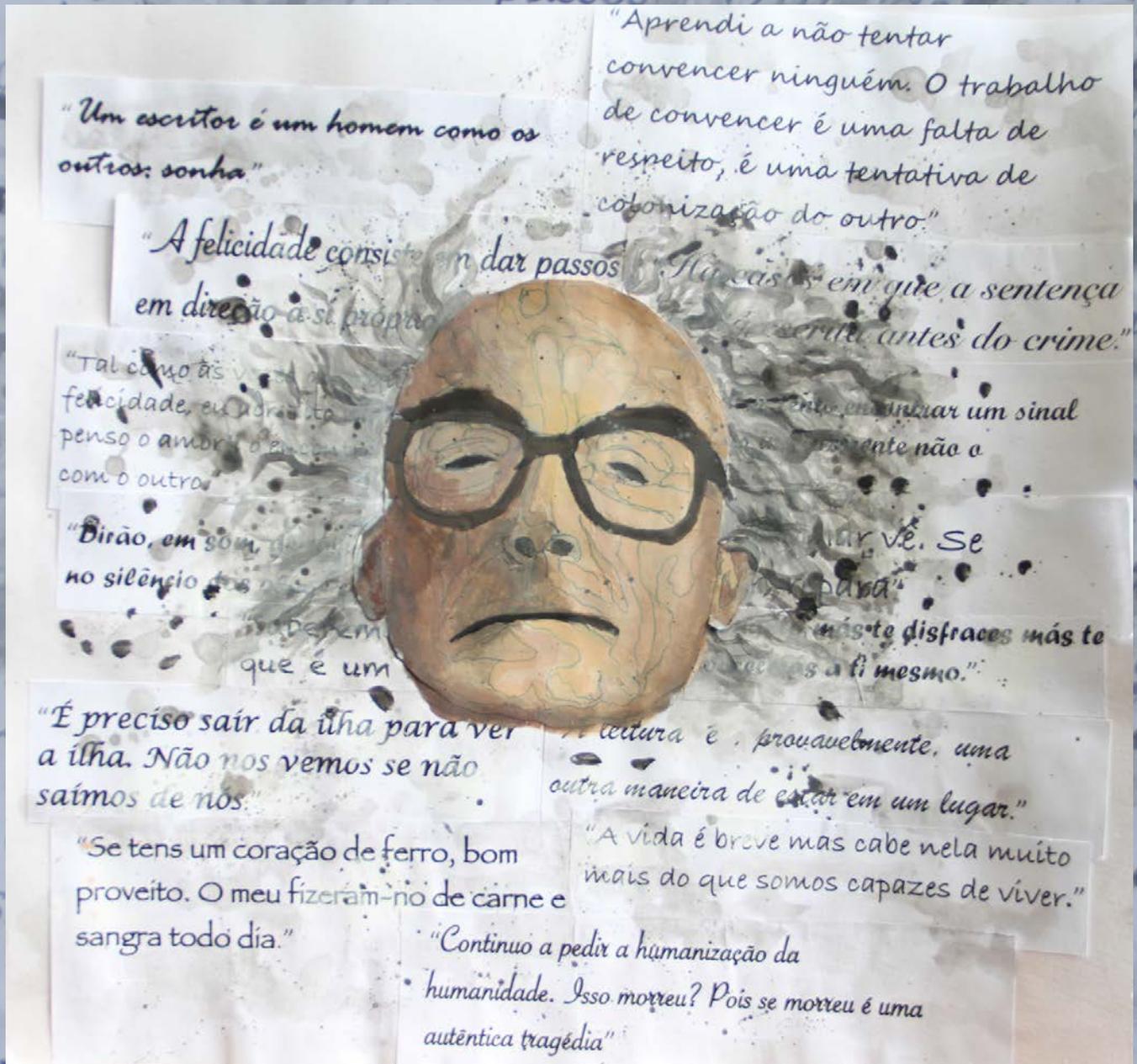


Leitura da obra “A maior flor do mundo”, turma do 4.º ano.



Plantação de uma árvore, pelos alunos do 1.º ano.

# Timor-Leste



Henrique Silva, Escola Portuguesa de Macau



## Os olhos de Blimunda “Verás a vontade dentro das pessoas”<sup>1</sup>

Escola Portuguesa de Timor-Leste  
CELP

A 16 de novembro de 2022 assinala-se o centenário do nascimento de José Saramago. Na sua paz vulcânica de Lanzarote, o que pensaria hoje do mundo o único escritor português a receber, até ao presente, o prémio Nobel da Literatura? Perante a terrível ameaça de uma nova guerra global (a juntar-se a outras guerras que nunca cessaram de existir) pensaria, provavelmente, que “o mundo está louco desde que nasceu”<sup>2</sup> e anda a humanidade cega sem o saber. E a razão dessa loucura, ou cegueira, intuiu-a o autor, quando, noutras páginas, deu voz a um narrador que, a propósito da iminência da segunda guerra mundial, afirmava: “é sabido que as exaltações nacionalistas encegureiram facilmente a inteligência”.<sup>3</sup>

Se fosse possível dar um corpo físico às personagens dos romances, talvez não fosse má ideia levantar Blimunda das páginas onde Saramago a concebeu e trazê-la a este mundo, a fim de resgatar as vontades desse adormecimento coletivo que faz com que os homens se deixem levar por nacionalismos exacerbados. Mas por muito que, às vezes, a vida siga

<sup>1</sup> Saramago, José, *Memorial do Convento*, 24.<sup>a</sup> edição Caminho SA, Lisboa, 1984, p.126.

<sup>2</sup> *Idem*, p.28.

<sup>3</sup> Saramago, José, *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, 23.<sup>a</sup> edição, Porto Editora, Porto, 2016, p.354.

<sup>4</sup> Discurso pronunciado a 7 de Dezembro de 1998 na Academia Sueca, Estocolmo,

<sup>5</sup> Discurso pronunciado no Banquete Nobel, em 10 de Dezembro de 1998, *idem*.

<sup>6</sup> Cf: "Fala do Velho do Restelo ao Astronauta", in *Poemas Possíveis*, edição Caminho, Lisboa, 1966.

<sup>7</sup> Saramago, José, *As Intermitências da Morte*, edição do Círculo de Leitores, Lisboa, 2006, p.17.

<sup>8/9</sup> Saramago, José, *O Caderno*, 7 de maio de 2009.

as linhas da ficção, olhos como os de Blimunda são impossíveis de imitar. E por isso a História, às vezes, parece não ser mais do que uma sucessão de loucuras repetidas, através das quais se vai abrindo ainda mais o fosso que separa a condição humana dos valores humanistas.

O que diria agora José Saramago, se visse as notícias? Não precisamos de imaginar, porque já o disse publicamente, quando, em 1988, afirmou, perante a Academia Sueca, ao recordar, entre outros textos, o "Ensaio Sobre a Cegueira", "que a dignidade do ser humano é todos os dias insultada pelos poderosos do nosso mundo, que a mentira universal tomou o lugar das verdades plurais, que o homem deixou de respeitar-se a si mesmo quando perdeu o respeito que devia ao seu semelhante."<sup>4</sup>

Com efeito, há uma verdade que se impõe: o ser humano tem-se tornado exímio, no que diz respeito ao progresso tecnológico, mas parece ter-se esquecido de olhar para dentro de si e para os outros. E Saramago, mais uma vez, acerta com as palavras na chaga humana, quando diz: "As injustiças multiplicam-se no mundo, as desigualdades agravam-se, a ignorância cresce, a miséria alastra. A mesma esquizofrénica humanidade que é capaz de enviar instrumentos a um planeta para estudar a composição das suas rochas, assiste indiferente à morte de milhões de pessoas pela fome. Chega-se mais facilmente a Marte neste tempo do que ao nosso próprio semelhante."<sup>5</sup> E é precisamente essa alucinação, que caracteriza a marcha civilizacional do chamado primeiro mundo, que tem permitido ao ser humano subjugar o seu

semelhante, condenando-o à "miséria", ao "luto" e à "fome", enquanto enaltece o "astronauta"<sup>6</sup> – símbolo de todos os sonhos dos homens.

Com uma vastíssima obra, que vai da poesia à narrativa, passando pelo teatro, na escrita de José Saramago a realidade e a ficção entrelaçam-se, quando o autor se interroga sobre o sentido das ações humanas no passado e no presente. Mas não é só de denúncia dos males do mundo que se faz o pensamento de Saramago. O autor também nos apresenta, com o seu habitual humor mordaz, uma visão idealista do ser humano, ao evocar "a criação de um movimento de cidadãos firmemente convencidos de que pela simples ação da vontade será possível vencer a morte".<sup>7</sup>

Contra a desintegração do que há de humano em nós, só nos resta sonhar, tal como José Saramago, com uma revolução mental da Humanidade: "aquela que transformaria o homem treinado para a guerra em homem educado para a paz..."<sup>8</sup>, ou seja, com a fundação em nós do "Homem Novo"<sup>9</sup>. E assim, totalmente renascido, o ser humano poderia, de facto, criar um novo mundo, em vez de o destruir.

Era bom que Blimunda nos pudesse ajudar a olharmo-nos por dentro, para podermos encontrar essa "nuvem fechada" onde se esconde a vontade de mudança.

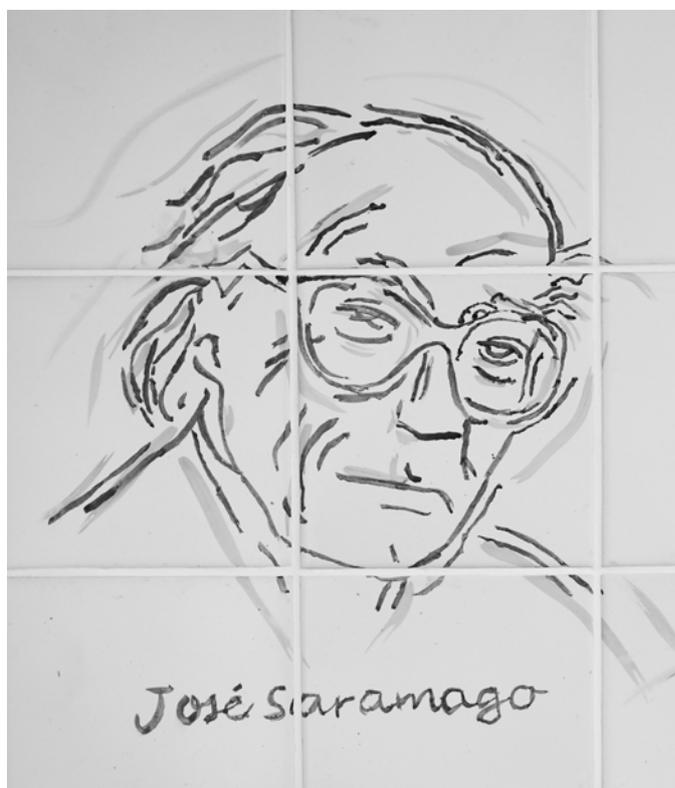
Helena Barrinha,  
professora do Departamento de  
Línguas

# “É Mafra, além, grita Baltazar, parece o gajeiro a bradar do cesto da gávea, Terra”

José Saramago

Enorme, desarmonioso, exagerado e superlativo. Encimava a vila no tom escuro e cinzento pintado pela opacidade de anos passados, séculos talvez, e dava as boas-vindas a quem adentrasse a vila vindo de sul. Do corredor longo que mediava os torreões e afastava rei e rainha via-se o mar, vê-se o mar, do outro lado a resguardo da intempérie ficava o segredo mais bem guardado, uma das mais belas bibliotecas que me trouxe cativa com o cordão a delimitar a entrada, sinal inequívoco de que ir mais além, pisar aquele chão, admirar o esplendor dos tetos abobados, beber o respirar dos livros estava vedado aos visitantes. Uma dura pena que acabaria com o dealbar da segunda vida do superlativo edifício. Reis e frades teriam habitado tão real residência, mais frades do que reis, mas uma casa sem gente é um coração devoluto sem arritmias nem sobressaltos, um eterno sono de monotonia e nostalgia do que foi, e sem coração o que somos?

O convento brotava música de vez em quando. Era o Gato, dizia-se, era o Francisco Gato que estava a ensaiar fora de tempos, a seu tempo, e que lá iria aos domingos fazer vibrar os carrilhões, dois adquiridos, a irrisória quantia de 400.000\$00 réis a unidade não fez



▶ Pormenor do painel de azulejos da Biblioteca da Escola Portuguesa de Díli.

Painel de azulejos da Biblioteca da Escola Portuguesa de Díli.



**É Mafra, iluminada hoje pelo talento de um homem que um dia decidiu reerguer e ressuscitar um palácio pelas palavras, José Saramago de seu nome, e pelo encantamento que apenas a arte traz à vida dos mortais. Há quem lhe chame literatura.**

hesitar El-Rei D. João V. Um dia o convento deixou de jorrar música, e terá sido pouco antes do silêncio soturno que se abateu sobre a vila que o convento começou a brotar palavras e gente.

Nas palavras nada havia do impessoal edifício que coroava a vila no seu estertor pelas sete da tarde quando se recolhiam as gentes da ira de um clima caprichoso. As palavras desvendavam um universo desconhecido. Havia gente a habitar o Palácio, gente a promê-lo e a projectá-lo, gente a construí-lo, e a gente é o que dá vida às coisas, porque sem gente as coisas são apenas coisas e é por tudo isto que o Memorial do Convento é um dos livros da minha vida. Porque dentro dele há a gente e a magia que nunca existiram antes na severidade dos tetos altos e corredores longos. Há o amor incondicional de um homem e de uma mulher, Sete-Sóis e Sete-Luas, sem regras que não as dos próprios e a do amor urgente e caminhado dos amantes eternos, há sonhos de voos, de ir mais alto mais longe, de acreditar que, sem a vontade dos homens, a ciência é inútil e o trabalho estéril, recolhamos vontades. Há o hino e a homenagem a quantos pereceram para que a megalomania se erguesse em matéria, paz à tua alma, Francisco Marques, nomes e rostos naquela travessia de mármore às costas Cheleiros acima.

Vagueio com o olhar no horizonte em dias de sentir “O mar está longe e parece perto, brilha, é uma espada caída do sol que o sol há-de desembainhar devagarinho quando descer do horizonte e enfim se sumir”, outras nos mistérios que encerram as estátuas da Basílica “Disse Blimunda, devem ser infelizes os santos, assim como os fizeram, assim ficam, se isto é santidade, que será a condenação, São apenas estátuas. Do que eu gostava era vê-las descer daquelas pedras e ser gente como nós, não se pode falar com estátuas, Sabemos nós lá se não falarão quando estão sozinhos”, e dias há em que ainda espero ver Bartolomeu Lourenço, Baltasar Sete-Sóis e Blimunda Sete-Luas sobrevoando Maфра de Passarola impulsionada pelas vontades de homens e mulheres “É Maфра, além, grita Baltazar, parece o gajeiro a bradar do cesto da gávea, Terra”. É Maфра, iluminada hoje pelo talento de um homem que um dia decidiu reerguer e ressuscitar um palácio pelas palavras, José Saramago de seu nome, e pelo encantamento que apenas a arte traz à vida dos mortais. Há quem lhe chame literatura.

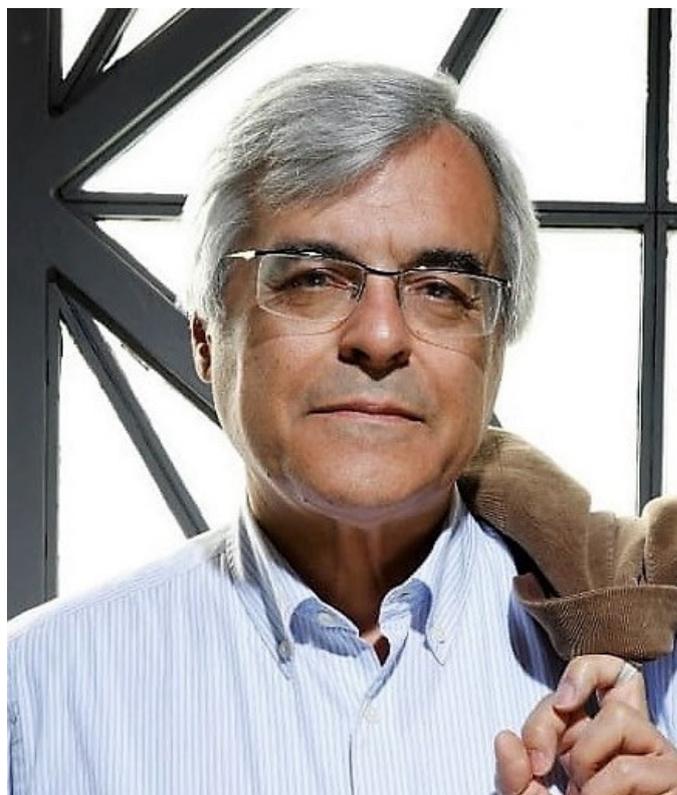
Maria Leonor Barros,  
professora do Departamento de  
Línguas

# Destiques



## ***A Noite* ou a História como drama**

Professor Doutor Carlos Reis  
Comissário do Centenário de José Saramago



Ao longo de uma parte importante da sua produção literária, José Saramago esteve muito atento à História e a momentos decisivos da sua conformação.

Vejamos: o final do “Manual de Pintura e Caligrafia” corresponde à eclosão da Revolução de 25 de Abril de 1974, coincidindo com a descoberta de um tempo novo por parte do protagonista. Por sua vez, o romance “História do Cerco de Lisboa” situa a ação secundária no ano de 1147, quando ocorre a conquista da futura capital do reino; é num momento quase fulminante que Raimundo Silva introduz no texto uma palavra (uma negativa: os Cruzados não ajudarão a conquistar Lisboa) motivadora da reinvenção ficcional da História. Um último exemplo: o conto *Cadeira* (de “Objeto Quase”, de 1978) centra-se num incidente praticamente microscópico e na fração de segundo em que ele tem lugar: o momento em que o anóbio faz desabar a cadeira do ditador. Uma queda que arrasta consigo o regime.

A peça de teatro *A Noite* concentra a sua ação nas poucas horas em que se vive a mudança de regime, da ditadura para a democracia. Tudo aponta ali para a concentração, uma concentração que faz lembrar as três unidades aristotélicas – de tempo, de espaço e de ação – que o romantismo veio derrogar.

O que agora quero sublinhar vem na linha do que deixei escrito: de novo, José Saramago coloca no centro da sua criação literária um tempo de fratura, modelado em função do quase instante em que a História parece acelerar-se. Desde logo, cumpre realçar a intuição de Saramago e o potencial dramático que ela suscita: na redação de um jornal afeto ao

regime que vai ser liquidado, assistimos à chegada de notícias que dão conta da queda do poder; nos dois atos da peça representa-se um crescendo de tensões e de emoções, de medos e de desejos, em diálogos no limiar do conflito.

Aquilo que incute força dramática à ação d'*A Noite* não é a expectativa de um desenlace surpreendente. De certa forma, já sabemos como as coisas vão acabar. O verdadeiro vigor dramático da peça provém das emoções das personagens e da sua conflitualidade, dando nota de uma dimensão da História que nem sempre temos presente: a das ações individuais protagonizadas por figuras que a historiografia não reteve.

**A peça de teatro *A Noite* concentra a sua ação nas poucas horas em que se vive a mudança de regime, da ditadura para a democracia. Tudo aponta ali para a concentração, uma concentração que faz lembrar as três unidades aristotélicas – de tempo, de espaço e de ação – que o romantismo veio derrogar.**



◀ Casa dos Bicos - Sede da Fundação José Saramago, Lisboa.

# L / ATITUDE

ESCOLAS PORTUGUESAS NO ESTRANGEIRO